



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES



Leitura Prazerosa: experiências e reflexões

Tatiana Ribeiro Almeida

São Gonçalo
2011

Tatiana Ribeiro Almeida

**Leitura Prazerosa:
experiências e reflexões**

Monografia apresentada como requisito para aprovação no curso em Pedagogia, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro / Faculdade de Formação de Professores.

Orientadora: Pof^a. Dr^a. Gianine Maria de Souza Pierro

São Gonçalo
2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

A447 Almeida, Tatiana Ribeiro.
Leitura prazerosa na escola: experiências e reflexões / Tatiana Ribeiro Almeida. – 2011.
69f.

Orientadora: Gianine Maria de Souza Pierro.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Leitura. 2. Escolas. I. Pierro, Gianine Maria de Souza. II. UNIVERSIDADE do ESTADO do RIO de DE JANEIRO, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 028.6

Tatiana Ribeiro Almeida

**Leitura Prazerosa:
experiências e reflexões**

Monografia apresentada como requisito para aprovação no curso em Pedagogia, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro / Faculdade de Formação de Professores.

Aprovado em _____

Banca examinadora: _____

Prof^a. Dr^a. Gianine Maria de Souza Pierro (Orientadora)

Faculdade de Formação de Professores

Prof^a. Dr^a. Helena Amaral da Fountoura (Parecerista)

Faculdade de Formação de Professores

São Gonçalo
2011

Dedicatória

À minha mãe, que mesmo quando tudo e todos eram contra ela lutou, venceu e hoje pode se orgulhar de todo o esforço feito para manter seus filhos no caminho da educação.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois sem ele nenhuma linha da minha vida ou dessa pesquisa teria sido escrita.

A minha mãe, Marilza, por seu amor, compreensão, orações, ajuda e por acreditar em mim, às vezes mais do que eu mesma. Te amo!

Ao meu irmão, Rafael, e a minha cunhada, Anita, por seu amor e grande ajuda. Obrigada pelas várias vezes que me cederam o computador, valeu apenas incomodá-los. Amo vocês!

Às minhas tias, meu tio, meus primos e primas eu agradeço pelo apoio e pelas orações. Este trabalho é a prova de que quando oramos juntos vencemos juntos.

À minha orientadora, professora Dr^a. Gianine Maria Pierro, por me guiar nesse caminho difícil e gratificante, onde mesclamos lágrimas com sorrisos.

À Elinéia e à Taisi, vocês me ajudaram mais do que imaginam e trilhar esses quatro anos com vocês foi muito bom, obrigada pelos momentos inesquecíveis que passamos nos corredores da UERJ/FFP.

Também gostaria de agradecer às professoras que com boa vontade aceitaram contribuir para a nossa pesquisa.

Deus recompense a todos vocês!!

A escola abriu-lhe algumas portas. O contato com a leitura letrada introduziu-a num cenário maior que a própria instituição escolar. Foi possível perceber que os símbolos têm vida e os livros, materialidade: peso, cheiro, gosto, pessoas. Idéias e sentimentos.

Clarisse Nunes

RESUMO

Esta monografia pretende estudar a prática da leitura prazerosa compreendida a partir dos conceitos e de autores deste campo. A pesquisa visa compreender como e se essa prática acontece em sala de aula; como os professores vêem a leitura prazerosa, diferentemente do uso da leitura com o objetivo de letramento, realização de exercícios gramaticais e de interpretação textual, prática comum nas turmas do segundo ano do ensino fundamental. Na referencia da pesquisa qualitativa foram utilizadas duas técnicas de pesquisa: a observação participante e um questionário aberto. Nos dois

casos participaram professoras que trabalham com turmas do segundo ano do Ensino Fundamental em escolas públicas e particulares do município de São Gonçalo. Como contribuição deste trabalho destaca-se a importância dos professores no entendimento do seu papel frente às práticas de leitura para a formação de alunos leitores.

Palavras – chave: Leitura prazerosa; Formação do leitor; Práticas de leitura

SUMÁRIO

MINHAS LEMBRANÇAS DE LEITORA.....	09	
INTRODUÇÃO.....	13	
I	SOBRE	A
LEITURA.....	17	
1.1	A leitura no mundo.....	17
1.2	Leitura: algumas reflexões.....	22
1.3	Tipos de leitura.....	28
II	FORMAÇÃO	DO
LEITOR.....	33	
2.1	A leitura na formação do leitor.....	34
2.2	O professor, o aluno e o incentivo a leitura.....	38

2.3	Relação texto – leitor.....	44
-----	-----------------------------	----

III	A LEITURA NA ESCOLA.....	48
-----	--------------------------	----

3.1	Experiências da sala.....	48
-----	---------------------------	----

3.2	Experiências registradas.....	58
-----	-------------------------------	----

IV	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
----	---------------------------	----

V	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
---	---------------------------------	----

ANEXO	A-Questionário utilizado na pesquisa.....	68
-------	---	----

ANEXO	B -Termo de autorização.....	69
-------	------------------------------	----

Minhas lembranças de leitora

*... Ler sempre foi maravilha, gostosura,
necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua,
lindamente, sendo exatamente isso!
Fanny Abramovich*

Como a grande maioria das pessoas eu fui apresentada à leitura e à escrita na escola, com mais ênfase na alfabetização, e aprendi a ler tendo como companheira a boa e velha, e já aposentada, cartilha. Por uma série de acontecimentos eu não consegui cursar a alfa da melhor forma possível, porém mesmo assim fui para a série seguinte e quando cheguei à nova turma que ficava em outra escola, a professora quase me mandou de volta para a alfa porque eu não lia muito bem. Contando com a ajuda de minha mãe e de uma explicadora eu consegui melhorar, permanecer na classe e passar de série.

Como muitos estudantes da classe menos abastada eu não tinha muito acesso aos livros e também não contava com incentivo, os motivos para que isso acontecesse foram muitos: os livros eram “caros”, a escola não tinha biblioteca, os professores só trabalhavam os textos dos livros didáticos e etc.

Minha mãe incentivava dentro de suas possibilidades comprando um ou outro gibi, e a leitura na minha infância foi assim entre gibis e os textos dos livros didáticos que eu lia durante as férias. Quando as aulas começavam eu já conhecia todos. Na pré-adolescência eu procurava a revista ‘QUERIDA’, de uma prima mais velha, e lia todas as entrevistas porque precisava ler alguma coisa, sentia saudades da leitura fosse ela de livros, gibis, revistas ou jornais.

Já na adolescência eu lia os livros extraclases de uma prima mais nova, depois fazia os exercícios propostos pelo livro e ainda fazia um resumo para que ela pudesse estudar para a prova sobre o livro. Tornou-se um hábito pedir livros emprestados para minhas colegas, para as colegas de minha prima ou para qualquer pessoa que estivesse disposta a me emprestar.

Quando cheguei à 6ª série saí da escola municipal e fui para uma escola particular. Pela primeira vez foi pedido que lêssemos um livro que não fosse o didático, foram três indicações naquele ano. Eu gostei muito apesar de ser uma “obrigação” já que tínhamos que fazer provas e trabalhos sobre o assunto.

Hoje após muitas leituras descobri o porquê, os livros faziam sentido para mim, não tratavam da minha realidade e nem estavam próximos a ela mais eram assuntos que remetiam a preferências minhas e assim pode haver interlocução.

No Ensino Médio eu mudei mais uma vez de escola e fiquei impressionada ao ver uma biblioteca na escola. Ela ficava localizada no meio do pátio e não importa em qual sala o aluno estivesse sempre que ele olhava para o pátio, era possível ver a biblioteca. Minha primeira providencia foi fazer minha “carteirinha” e começar a pegar livros. Durante os três anos que estudei nesta escola eu peguei tantos livros quantos foi possível. Nesta biblioteca eu conheci autores nacionais e internacionais, conheci livros que me marcaram, alguns eu li mais de uma vez, passei a conhecer melhor o meu gosto literário e percebi que não tenho um gosto definido, o livro tem que me “tocar” nas primeiras páginas se não, pode não haver uma segunda chance.

Foi nesta mesma escola, no segundo ano, que a professora pediu que lêssemos os livros clássicos A Senhora, O Curtiço e um terceiro que não me recordo. A turma deveria ler os três e depois seria feito um sorteio e cada grupo faria um trabalho sobre o livro sorteado. A experiência não foi muito boa porque eu não gostei de nenhum dos livros, a linguagem era diferente da que estávamos habituados a utilizar no dia-a-dia e para completar a professora não trabalhou os livros de nenhuma outra forma que contribuísse para uma melhor aceitação da turma. No final do bimestre praticamente ninguém leu os livros e não houve trabalho, eu lia mesmo que a contra gosto. Eu não gostei por que nunca fui a favor da leitura “forçada” com data para início e fim, com

avaliação para provar que houve leitura. Alguns anos depois eu consegui os livros emprestados, li e perdi um pouco do preconceito.

Apesar de aquela escola contar com uma biblioteca, que era visitada por alunos de outras escolas com o intuito de fazer pesquisas escolares, meus professores nunca a utilizaram como um recurso, nem para que fossem feitas pesquisas, que qualquer outro professor, não importando a disciplina que atuasse, poderia incentivar seus alunos a lerem algo que abordasse o conteúdo trabalhado e assim fugir um pouco dos livros didáticos. Mas será que eles faziam essas leituras?

Anos depois eu chego à UERJ, encontro uma biblioteca que quase não conta com acervos literários, é mais voltada para a pesquisa e o estudo acadêmico, ainda assim faço minha “carteirinha” e me torno uma freqüentadora assídua. Grande parte dos professores não incentiva à leitura, pedem para que leiamos apenas os textos propostos para a disciplina, outros ao contrário dão dicas de livros e de autores que podem contribuir para o nosso enriquecimento pessoal e profissional.

A falta de incentivo não retirou a minha vontade e o prazer da leitura, mas durante um debate realizado em uma aula de Literatura Infanto-juvenil pude perceber que muitas pessoas deixam esse prazer de lado por falta de incentivo, ou são marcados por experiências ruins que em geral acontecem dentro da escola e são provocados pelos professores.

“Penso que a escola não descobriu, ainda, o potencial mágico da leitura e permanece o ensino de uma leitura instrumental, mecânica, esvaziada de sentido. A escola produz não-leitores, como indaga Kramer (1996), em suas pesquisas? A leitura na escola reduz-se à leitura da escola, organizada pelo registro de notas, provas de livros, fichas, resumos, que ocupam o espaço destinado à fruição da leitura?” (RANGEL, 2005, p.13)

Nem sempre consigo ser clara quando tento mostrar meus sentimentos em relação à leitura e aos livros, me considero uma pessoa que tem uma sede de livros que nunca é saciada, pois quanto mais eu leio mais quero ler. Como todo leitor, eu tenho um critério que é ler o que eu quero e porque eu quero e não ler porque esse livro é um best-seller ou porque esse autor faz parte da Academia Brasileira de Letras. O livro tem que me seduzir.

Por isso resolvi investigar como tem sido o trabalho dos professores, como eles trabalham a leitura e não apenas o letramento, como eles desempenham o papel de mediador entre o aluno e o texto.

Delimitei meu campo de pesquisa na interação entre o espaço aberto na escola para contato com professores do segundo ano do Ensino Fundamental. Considero significativo o fato de seus alunos estarem concluindo o processo de alfabetização e teoricamente todos já sabem ler podendo participar das atividades de leitura, devolvendo seu interesse neste campo. Mas é aí que começam os meus questionamentos: Há uma proposta de incentivo a leitura neste período do processo escolar? Se houver quais atividades estimulam a leitura?

Mas há uma pergunta que para mim é a mais significativa: qual a importância que o professor dá ao aluno-leitor?

INTRODUÇÃO

Ao chegarmos à escola nossas primeiras lições estão ligadas a língua, aprendemos a ler e escrever, depois nossos professores nos ensinam à gramática e o trabalho com a língua se aprofunda ainda mais. Começamos esse percurso aprendendo as letras seguidas das sílabas, palavras, frases, parágrafos, trechos de textos até chegarmos ao texto completo.

Quando pensamos nas séries iniciais e leitura a primeira imagem que temos é a leitura voltada para o letramento, porém quando pensamos na pesquisa que iríamos fazer voltamos o nosso olhar para o incentivo à leitura prazerosa. Afastamos-nos do momento dedicado a alfabetização, primeiro ano do Ensino Fundamental, e decidimos que as observações seriam feitas nas turmas do segundo ano do Ensino Fundamental.

O trabalho pesquisa a leitura na escola, observando a forma como os professores do segundo ano do Ensino Fundamental estimulam à leitura – de livros literários, jornais, revistas e outros tipos de textos- em seus alunos. A proposta é de observar como os professores desta série se preocupam em além de alfabetizar também conduzir seus alunos à leitura de forma que venham se tornar leitores- por prazer- independente de qual tipo de texto irão ler.

Procuramos observar se a leitura prazerosa faz parte do cotidiano escolar, nessas séries, e se ler é só parte do currículo escolar. Investigaremos se o trabalho com a leitura é feito de forma fechada, tradicional, baseada em cópias de textos e

exercícios gramáticas, se o professor utiliza o texto para promover o incentivo e dar ao aluno a oportunidade de uma leitura livre de amarras.

Estaremos estudando as estratégias utilizadas por estes professores para estimular a leitura em seus alunos, e por isso os alunos não serão o foco da pesquisa, uma vez que o intuito é saber qual o olhar desses professores em relação ao ato de ler sem obrigação ou mecanização, mas sim o ato “prazeroso” de ler. Ateremos-nos as práticas desses professores em relação à leitura, não alfabetizadora e a apresentação ao mundo dos livros aos seus alunos.

Os professores do segundo ano do ensino fundamental são os sujeitos da nossa pesquisa e as nossas observações serão feitas através de suas práticas e trabalhos relacionados ao tema proposto. Esses profissionais atuam em escolas municipais, estaduais e particulares do município de São Gonçalo.

“... é um professor que se crê investido da função sagrada de guardião do templo: lá dentro, o texto literário, cá fora, os alunos, na porta, ele, o mestre, sem saber se entra ou se sai, ou se melhor mesmo é que a multidão se disperse...” (LAJOLO, 1994, p.12)

No primeiro ano do Ensino Fundamental o aluno é alfabetizado, aprende a ler e a escrever, porém isso não significa que ele irá se tornar um leitor.

“Assim como acontece com a alfabetização, a escola pode ou não ficar no meio do caminho, o que quer dizer: dar oportunidades para que sua tarefa se cumpra de modo global, transformando então o indivíduo habilitado a leitura em um leitor, ou não, o que pode reverter no seu contrário,” (ZILBERMAN,1991p.17)

Partindo desse pensamento fica a questão de quais estratégias os professores utilizam para estimular o interesse dos seus alunos pela leitura em sala de aula ou fora dela. Como é trabalhada a leitura por prazer? A questão não é saber quais ou quantos livros os professores utilizam por ano, mas sim como esses livros são explorados na dinâmica da sala de aula. O uso dos livros didáticos, de literatura ou para-didáticos acontece durante o ano, porém de que maneira se situam na proposta dos professores? Há o incentivo nesses textos em destacar o prazer da leitura?

“Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por principio –o prazer- me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de ‘ incentivo’ á leitura” (GERALDI, 1997, p.98)

Em um país onde a leitura não é muito valorizada, onde a maior parte das escolas não possui bibliotecas e nem toda a população tem condições de comprar livros, como seria possível trazer a leitura para as crianças? Como apresentar os textos para as crianças e dar-lhes a oportunidade de descobrir se elas gostam ou não de ler? Como decidirão se querem ou não ser “leitores”? A escola é ou poderia ser um dos espaços apropriados para formação do leitor.

Os professores devem desenvolver seus planejamentos e propostas em suas turmas, mas acredito que seja possível ir além, podem ensinar seus alunos a ler e todo o conteúdo gramatical proposto para a série, mas também podem incentivar seus alunos a ler e a descobrir o mundo da leitura inclusive identificando o interesse dos alunos pelos diferentes gêneros e tipos de textos.

Optamos por buscar nos próprios sujeitos as questões para o nosso objeto, descrevendo o contexto onde as atividades de leitura se realizam. Utilizamos a pesquisa qualitativa na busca em compreender o objeto de estudo na sua profundidade.

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. (MINAYO, 1994; p.21)

Trabalhamos com a pesquisa de campo utilizando a observação participante, onde observamos uma professora do segundo ano do Ensino Fundamental em sala de aula, durante um semestre, e a sua forma de estimular o interesse dos seus alunos pela *leitura prazerosa*.

Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007) a observação participante “ocorre quando o observador, deliberadamente, se envolve e deixa-se envolver com o objeto da pesquisa, passando a fazer parte dele.” (pág.31)

Ainda aplicamos um questionário com o intuito de compreender como os professores deste segmento lidam com a leitura, tanto do ponto de vista profissional

como pessoal. Na monografia optamos por não identificar nenhuma das professoras participantes e por isso utilizamos letras para identificar cada uma delas sempre que nos reportamos aos seus depoimentos.

No primeiro capítulo de nossa pesquisa, mostramos um pouco da História da Leitura e da sua importância na sociedade, abordamos a visão que alguns teóricos têm sobre o assunto e por último apresentamos os diferentes tipos de leitura.

No segundo capítulo tratamos da formação do sujeito leitor, para isso falamos um pouco da formação do professor para saber como foi vivenciada a leitura na sua formação pessoal e profissional, e se isso reflete ou não em seu trabalho. Analisamos a relação professor/aluno/incentivo a leitura tendo como referência as observações feitas a partir do trabalho de campo realizado na escola e dos questionários respondidos pelas professoras. Ao finalizar este capítulo discutimos aspectos da relação texto-leitor.

O terceiro capítulo está dividido em duas partes: na primeira apresentamos e comentamos as práticas observadas na escola do trabalho de campo e na segunda parte deste capítulo articulamos as respostas dos questionários com a prática em sala de aula.

Através das observações feitas em sala e dos questionários pretendemos perceber como a leitura é proposta, como os professores vêem esta leitura, se a atividade de estimulação é mecanicista ou estimulante.

I - SOBRE A LEITURA

E começaremos definindo a atividade de leitura como uma interação a distância entre leitor e autor via texto.
Angela Kleiman

Nossa pesquisa está voltada para a questão do incentivo a leitura no ambiente escolar por isso, neste primeiro capítulo, discorreremos um pouco sobre o tema e assim pretendemos apresentar alguns aspectos do assunto para uma melhor compreensão. A leitura é de suma importância para os nossos alunos mais ela não se restringe à escola, pelo contrário ela está presente na vida de todos os cidadãos não importando em qual sociedade ou contexto social estejam inseridos.

Assim, dedicamos o primeiro capítulo dessa pesquisa a ela, antes de apresentarmos como anda o incentivo nas turmas do segundo ano do ensino fundamental pretendemos mostrar a importância desta e como ela é vista pelos teóricos que estudam o assunto.

Primeiramente mostraremos um pouco da história da leitura e da sua importância na sociedade, depois mostraremos como andam as pesquisas e por último apresentaremos os diferentes tipos de leitura.

1.1 - A leitura no Mundo

Na sociedade atual a leitura está inserida em todos os contextos sociais. A maior parte da população mundial sabe ler e os países que possuem um grande número de

analfabetos são considerados atrasados. Contar com um grande número de alfabetizados não significa que todos saibam ler, pois há, inclusive em nosso país, um grande contingente de analfabetos funcionais que são pessoas já alfabetizadas e que por isso são capazes de ler e escrever mais ainda não tem total domínio ou habilidade na leitura e na escrita, ou seja, lêem mais não conseguem extrair/compreender o sentido do que lêem.

No Brasil as políticas voltadas para enfrentar o analfabetismo têm apresentado um resultado lento, mas são ações constantes. Segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2009 a taxa de analfabetismo diminuiu em 1,8%, entre pessoas de 15 anos em diante.

“A taxa de analfabetismo caiu 1,8% de 2004 a 2009, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre as pessoas de 15 anos ou mais de idade. No ano passado, a taxa foi de 9,7% da população, um total de 14,1 milhões de pessoas, contra 11,5% em 2004. Em 2008, a taxa foi de 10%.”

“O analfabetismo funcional _ segundo o IBGE, pessoas com 15 anos ou mais de idade e menos de quatro anos de estudo_ foi estimado em 20,3% das pessoas de 15 anos ou mais de idade. A queda foi de 0,7 pontos percentuais em relação a 2008 e de 4,1 pontos percentuais em relação a 2004.” (g1.com¹)

Apesar do fantasma do analfabetismo ainda rondar várias cidades do mundo hoje a maioria das pessoas sabem ler, porém nem sempre foi assim. Entre os séculos V e IV a.c ao século IV d.c, o número de leitores era mínimo e estava disposto entre alguns homens adultos, pois mulheres e crianças não participavam deste quantitativo e esse cenário perdurou por muito tempo. A leitura silenciosa era pouco praticada na época, pois a leitura que mais se utilizava era a leitura em voz alta, essa era feita para um público ou para si mesmo.

“No início da era cristã, a leitura feita por autores era concebida como uma cerimônia social da moda. Em local apropriado, o autor reunia seus amigos para proferir seus textos fazendo uso de suas habilidades de oratória. Era comum que os ouvintes apresentassem uma reação crítica,

¹ <http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2010/09/taxa-de-analfabetismo-cai-18-em-cinco-anos-no-brasil-mostra-pnad.html>.

com base na qual o autor aperfeiçoaria seu texto.”
(RIBEIRO. 2008, p, 2)

Já na era grego–romana surge a leitura por prazer. Ribeiro (2008) afirma que nos primeiros séculos desse império, graças ao avanço da alfabetização, surge um grupo de leitores que pratica “*a leitura por prazer, por hábito ou por prestígio*” (p.4). Esse tipo de leitura é aquela que sai do campo do imposto e necessário e vai para o campo do prazeroso onde se lê o que se quer e quando se quer.

Se na era grego-romana surgiu a leitura prazerosa, na Idade Média, do século V ao XV, surgiu a leitura para a salvação composta de textos de cunho religioso das Sagradas Escrituras. Alguns livros desta época eram utilizados como cartilha na alfabetização. Outra mudança identificada por Ribeiro (2008) é a utilização da leitura silenciosa, que facilitava a apreensão do que era lido.

Nos séculos seguintes a alfabetização se expande e passa a ser ligada a escrita. É aí que elas se unem e cabe à escola efetivar essa união. O ensino dessas práticas é bem parecido com o que ainda vemos em nossas escolas onde se aprende a decodificar as palavras e não a compreendê-las. É a chamada escolástica.

“A partir do século XII, a leitura escolástica sufoca o ler por prazer, substituindo-o por uma leitura superficial que dê conta do conhecimento dos elementos indispensáveis a uma cultura utilitária. O desenvolvimento da capacidade de memória levou gradualmente os estudantes a não consultarem as obras originais, mas apenas trechos selecionados por outros. A criatividade pessoal deu lugar à tecnicidade das ações.”
(RIBEIRO, 2008, p. 5-6)

De acordo com Ribeiro (2008), durante o período conhecido como Idade Moderna (século XV ao século XIX), as práticas de leitura giravam entorno da escola, dos textos religiosos e do crescimento da industrialização. Este último refere-se também ao crescimento do capitalismo e segundo Zilberman (2011) a leitura sempre esteve ligada ao capitalismo seja levando o individuo a crescer socialmente, seja no setor econômico com a vendagem dos livros.

Nesta época a leitura separava os homens cultos dos homens do povo, ela era de suma importância para a sociedade capitalista que estava se formando, assim saber

ler tornou-se um alvo a ser atingido por todos que desejavam alcançar um patamar mais alto da vida social e cultural.

“ainda não leitor apresenta-se na situação primitiva de falta, que lhe cumpre superar, se deseja ascender ao mundo civilizado da propriedade, por consequência, do dinheiro e da fortuna.” (ZILBERMAN. 2011)

Foi no início do século XV, em 1440, Johann Gutenberg aperfeiçoou a prensa de impressão facilitando assim o manuseio do livro, objeto ao que se remete sempre que se fala em leitura, porém a expansão do livro impresso não foi imediata permitindo que os manuscritos permanecessem como forma de obtenção dos textos.

Os textos religiosos ainda eram muito utilizados na alfabetização e a reforma protestante defendia que todo cidadão tinha o direito de acesso à leitura e assim às Escrituras Sagradas. Esse pensamento não agradou aos donos de escravos, pois ao ser alfabetizado o indivíduo seria capaz de ler qualquer tipo de texto, inclusive àqueles compostos por idéias revolucionárias.

“Aprender a ler, para os escravos, não era um passaporte imediato para liberdade, mas uma maneira de ter acesso a um dos instrumentos poderosos de seus opressores: o livro. Os donos de escravos sabiam que a leitura é uma força que requer umas poucas palavras iniciais para se tornar irresistível. Quem é capaz de ler uma frase é capaz de ler todas. Mais importante: esse leitor tem agora a possibilidade de refletir sobre essa frase, de agir sobre ela, de lhe dar um significado.” (MANGUEL, 1997, p.314-315 apud RIBEIRO, 2008, p.8)

Em meados do século XV a expansão comercial levou a Europa a descobrir novos continentes e, junto com eles, novas riquezas para os seus países fortalecendo ainda mais a classe social que surgia, a burguesia. Foi através desta expansão que no século XVI os portugueses desembarcaram no Brasil. A princípio o único interesse dos colonizadores eram as riquezas da nova terra. Esse período é conhecido como período pré-colonial, fase em que a colonização começou a surgir ainda que muito tímida para a sociedade brasileira.

Nesta época o círculo de pessoas letradas era bem seleto composto apenas pelo clero, os senhores de engenho e seus filhos (homens), os membros do grupo

responsável pelo governo do país e os jesuítas. Os escravos e os pertencentes a uma classe social inferior, os empregados, não gozavam do direito a ler e escrever.

Os textos manuscritos e a bíblia eram utilizados nas escolas improvisadas nos engenhos ou em fazendas. Havia poucas escolas e os trabalhadores e seus filhos não eram atendidos. Para as mulheres a educação era voltada para a vida no lar.

A partir de 1800 começaram a acontecer algumas mudanças como a vinda da Família Real para o Brasil, fator que gerou alterações nos setores sociais, econômicos e culturais do país. Segundo Ribeiro (1995) após a vinda da corte real para o Brasil, aconteceram:

“A criação da Imprensa Régia (1808), da Biblioteca Pública (1810), do Jardim Botânico do Rio (1810), do Museu Nacional (1818). No campo da Imprensa circulou o primeiro jornal (*A Gazeta*), a primeira revista (*As Variações ou Ensaios de Literatura*, em 1812) e, em 1813, a primeira revista carioca: *O Patriota*.” (RIBEIRO. 1995; p.40, apud FRANÇA. 2008; p.78)

Em 1824 foi outorgada a primeira constituição brasileira e “*no que diz respeito à educação, a Constituição de 1824, em seu Art. 179, instituía a ‘instrução primária e gratuita’*” (FRANÇA, 2008, p.79). Neste momento as mudanças não foram significativas pois o acesso à educação, e por consequência à leitura, ainda estavam restritos aos filhos das camadas mais altas da sociedade.

Na Europa durante o século XVIII

“nasceram as livrarias, clubes livreiros e bibliotecas como espaços de leitura e intercâmbio de idéias; dessa maneira vê-se nesse século, mesmo que limitada, a idéia de leitura como fonte de lazer e prazer, enriquecimento cultural, ampliação das condições de convívio social e interação. Mas, o gosto pela leitura alcançará progresso na classe burguesa, apesar de ser propagada também para as classes populares.” (RIBEIRO, 2008, p.9).

No século XIX há um crescimento da alfabetização que agora atinge mulheres, crianças e as pessoas das camadas populares. Ainda que como afirma Ribeiro (2008), parte dessa camada não tem apego à leitura prazerosa. O livro impresso facilita o acesso à leitura e a soma desses fatores faz com que o número de leitores e a procura pelo livro aumentem de modo significativo. Surgem as leitoras de romances e livros de culinária e os leitores que serão o público alvo dos clássicos infantis.

Hoje o livro impresso já é fabricado em larga escala e comercializado mundialmente. No século XV os leitores contavam com manuscritos e livros impressos

já no século XXI os leitores têm, a sua disposição, livros impressos, on-line, em CD-ROM e etc.

Apesar de haver tantas formas de apresentar um mesmo livro, o acesso à leitura para algumas pessoas de camadas mais pobres ainda é restrito e o incentivo para pessoas de qualquer classe deve ser incessante, a escola e os professores têm um papel fundamental nesse processo de incentivo. A escola é o ambiente propício para que o aluno conheça a leitura, não de forma sistematizada mas como um elemento importante para sua vida em sociedade, para aquisição de conhecimento e como forma de entretenimento pois a leitura não deve ser só um instrumento para responder as perguntas dos questionários e das provas.

1.2 - Leitura: algumas reflexões

Leitura é um tema muitas vezes pesquisado e, apesar disso, não se esgota, pois a cada dia surge mais um aspecto que precisa ser estudado ou os já estudados precisam ser revistos.

No Brasil existem muitas pesquisas sobre a leitura ligadas ao letramento, ao incentivo a leitura, psicologia da leitura e etc. Por isso é possível encontrar pessoas que a anos se dedicam a prática da pesquisa e possuem um profundo conhecimento sobre o assunto.

Seria impossível falar sobre leitura e não falar de nomes como Paulo Freire, Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva, Marisa Lajolo e Maria Helena Martins só para citar alguns. Lendo seus textos percebemos que a pesquisa sobre leitura se faz necessária, apesar de já existirem trabalhos relacionados ao tema.

Nossa pesquisa tem o olhar voltado para o incentivo a leitura, na rede de ensino de São Gonçalo, com alunos em idade a partir dos sete anos, nas turmas do segundo ano do Ensino Fundamental. Para tanto, em nossa pesquisa, utilizamos o referencial do autor Paulo Freire que trabalhava com classes de Jovens e Adultos. Apesar de suas pesquisas iniciais estarem voltadas para aquele público, nada impede que suas reflexões

sobre leitura sejam utilizadas por professores do Ensino Fundamental. Quando ele aponta o conceito de leitura de mundo é possível perceber que esta pode acontecer já na primeira infância como uma construção a ser levada por toda a vida.

Os professores ao perceberem que o conhecimento desta dimensão agrega valor a leitura, devem se apropriar dela apresentando a leitura da palavra para seus alunos. O conhecimento prévio do aluno deve ser levado em conta durante o ensino da palavra, ao ensinar a ler, escreve ou qualquer outra disciplina os professores devem investigar o conhecimento que o aluno tem sobre o tema.

Um bom exemplo é o trabalho alfabetizador desenvolvido por Paulo Freire com os trabalhadores rurais, quando utilizava palavras geradoras retiradas do cotidiano e dos saberes de seus alunos. Quando o aluno vê sua realidade presente em aula ele tem mais segurança em participar e comentar sobre os assuntos trabalhados, a aula deixa de seguir a linha da educação bancária (FREIRE, 2005), onde o professor detém todo o saber e passa este para o seu aluno. Esta aula se converte numa prática participativa e prazerosa para professores e alunos.

Em seus textos Regina Zilberman aborda a importância da leitura para a sociedade e o papel da escola em estimulá-la. No texto “A leitura na escola”, Zilberman (1991) mostra como através da leitura o homem adquiriu a democratização do saber e como a mesma ajudou a propagar interesses políticos, econômicos e ideológicos. Descreve ainda como a leitura pode representar um ato de emancipação para povos, homens e para as crianças.

“A universalidade do ato de ler provém do fato de que todo indivíduo está intrinsecamente capacitado a ele, a partir de estímulos da sociedade... Como estes estímulos passam a ocorrer com grande intensidade a partir do séc.18, a leitura se revela como um fenômeno historicamente delimitado e circunscrito a um modelo de sociedade que se valeu dela para sua expansão.” (ZILBERMAN. 1991; p.11)

Ao falar do papel da escola no incentivo à leitura Zilberman (1991; p.16) afirma que: *“a escola tem interpretado esta tarefa de um modo mecânico e estático.”* Quando utilizamos um texto apenas com a intenção de trabalhar a gramática estamos trabalhando de forma mecânica e estática, não permitindo que o aluno se aproprie do texto, tenha

liberdade na leitura e em algumas vezes se aprofunde, desta forma só irá ler o texto para achar as respostas dos exercícios. Neste formato a leitura nunca tem um fim prazeroso mas está sempre ligada as obrigações e testes de conhecimento, na maioria das vezes um conhecimento gramatical o que nos faz pensar que o professor ao continuar repetindo essas práticas pode podar seu aluno não favorecendo o incentivo à leitura .

A autora afirma ainda que “*o livro didático exclui a interpretação e, com isso, exila o leitor.*” (p.21), sendo assim utilizar apenas este material pode vir a desestimular alguns futuros leitores. Essa situação pode ser percebida quando os textos contidos nos livros didáticos trazem apenas trechos pouco expressivos seguidos de atividades voltadas para o exercício gramatical. Em outra situação quando o professor fica preso ao livro didático sem estimular ou ampliar às praticas de leitura, ele não dá ao seu aluno o destaque da leitura prazerosa e livre das amarras dos exercícios gramaticais e assim o exila.

Zilberman (1991) diz que os livros didáticos foram criados com a “*incumbência de acompanhar o estudante durante o transcurso das atividades discentes*” (p.20), sendo utilizado como um caderno de exercícios se afastando em muito dos livros de leitura, porém apesar disso se tornou bem lucrativo para autores, editores e livrarias. Não queremos aqui condenar o uso do livro didático, porém desejamos resaltar que ao utilizar apenas o livro didático o professor pouco acrescentará na luta pelo incentivo a leitura prazerosa, pois este material em muitas vezes não é produzido com esta finalidade.

Por se debruçarem sobre este campo de pesquisa alguns desses autores acabam se unindo para que juntos possam nos apresentar suas reflexões sobre o tema. Um exemplo disso é o livro com o qual trabalhamos muito durante nossa pesquisa: “*Leitura em crise na Escola - as alternativas do professor*” (ZILBERMAN, 1991). Neste livro Zilberman colabora com dois textos e ainda se apresenta como organizadora. A obra conta também com textos de Marisa Lajolo e Ezequiel T. da Silva. Nele colaboram vários autores e todos os textos são voltados para a temática da leitura, alguns visam sobre a instituição escolar, outros sobre o professor e alguns falam sobre o aluno, em suma todos falam sobre todos esses assuntos, já que em alguns momentos eles se cruzam, e sobre a importância da leitura e do seu incentivo por parte da escola e do professor.

Em seu livro “O ato de Ler – fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura”, Silva (1996) afirma que:

“A lei de casualidade parece ser a seguinte: se alfabetizado, o aluno vai ser capaz de ler todos os tipos de mensagens escritas. O momento pós-alfabetização parece ficar na chamada habilidade de compreensão-” retirar a idéia principal do texto “- ou, o que não é muito incomum,” fazer fichamento do livro...”. (p.34)

Tomando essa afirmação como base, direcionamos nossa pesquisa para a etapa da pós alfabetização, por isso resolvemos trabalhar com o segundo ano do Ensino Fundamental por ser esta série seguinte ao início da alfabetização. Optamos por investigar como a professora dá continuidade ao trabalho que teve início no ano anterior, se as atividades propostas focam somente o letramento ou se estendem e se complementar a formação do aluno leitor.

Todas essas leituras nos guiaram durante a nossa pesquisa e nos ajudaram a encontrar o caminho a ser trilhado durante sua realização. Tendo como base essas leituras conseguimos perceber as etapas da leitura, conhecer os tipos de leitura, compreender a relação autor – texto – leitor, e principalmente ver a relação professor – leitura – aluno que é a relação que mais focamos em nossa pesquisa.

Os textos lidos abordam todas essas áreas, uma vez que as pesquisas de alguns dos autores citadas caminham entre a psicologia da leitura, o aluno leitor, o professor leitor e escola e leitura.

Durante a pesquisa bibliográfica encontramos outras fontes como revistas especializadas em educação. Essas revistas estão repletas de textos sobre o tema e entrevistas com autores que enriquecem não só a pesquisa como também o trabalho do professor que muitas vezes se encontra sozinho em seu local de trabalho. Outro fato que chamou a atenção é a quantidade de pesquisas acadêmicas ligadas ao tema leitura que encontramos, o que comprova a necessidade de pesquisa e a riqueza do tema que possui várias e inesgotáveis vertentes.

Vimos alguns movimentos que assim como a pesquisa visa o incentivo a prática da Leitura Prazerosa, projetos de organizações não governamentais e governamentais, ações de instituições como um banco que distribuiu gratuitamente kits de livros infantis e alguns sites e blogs. Algumas dessas ações estão ligadas a escola outras são independentes porém o importante é que estão difundindo a ato da leitura.

Durante nossa pesquisa tivemos acesso a alguns projetos como “*Projeto*

Entorno” realizado pela Editora Abril e a Fundação Victor Civita que apóia a leitura por prazer em escolas municipais e estaduais localizadas próximo da Editora Abril, em São Paulo. Este projeto conta com a parceria das Secretarias Municipal e Estadual de Educação daquele estado e promove ações culturais e educacionais de estímulo à leitura como também contribui para a ampliação do acervo escolar. O projeto propõem a implementação de uma “*Roda de Histórias*” com o objetivo de incentivar a leitura por prazer como uma atividade permanente na rotina das escolas, além de outras ações culturais de fomento à leitura envolvendo alunos, professores, coordenadores e diretores. Na dinâmica deste projeto, coordenadores e diretores participam de reuniões onde são trabalhados os objetivos e conteúdos do projeto. No endereço <http://www.fvc.org.br/projetosFVC/incentivoleitura/home.htm> encontra-se a disposição do público o material utilizado nas práticas ao longo dos anos de 2006 e 2007 e dicas para montar projetos.

O “*Projeto Minha Escola Lê*” começou em 2000 e é desenvolvido anualmente pelo grupo “*Projetos de Leitura*”, sem fins lucrativos com sede em São Paulo. Foi criado em 1998 pelo autor e dramaturgo Laé de Souza com a seguinte intenção: “*o que motivou o desenvolvimento desse projeto foi a possibilidade de ler com prazer*”. O artista acredita que “*a leitura pode mudar o destino das pessoas, no caso, dos estudantes envolvidos*”. Todas as escolas públicas do país podem participar do projeto, a inscrição é feita no site² da instituição quando a escola recebe uma amostra do material a ser utilizado (livros e outros materiais). Depois de analisar este material a escola preenche uma outra ficha, também no site, confirmando o interesse em participar do projeto. Cada escola pode participar com até quatro classes e pode receber até 152 exemplares de um dos livros do autor Laé de Souza. São 38 exemplares por classe, que deve ser lido e trabalhado através de discussões dos temas apresentados na obra, criação de textos baseados na obra e adaptações teatrais entre outras. A escola ainda recebe folhas para a redação e um material de apoio para os professores. De cada escola são escolhidos três trabalhos e os alunos – autores ganham outras obras do

² <http://www.movimentoculturabrasil.com.br/blog/?p=3919>

artista, e também concorrem à publicação de seus textos na coletânea “Melhores Crônicas do Minha Escola Lê” com os melhores trabalhos do ano.

Criado em 2006 o Instituto Pró – Livro (IPL) é uma associação sem fins lucrativos, privada, mantida principalmente por contribuições de entidades do mercado editorial e tem como objetivo principal o incentivo à leitura e à difusão do livro. O instituto apóia ou desenvolve projetos de estímulo à leitura e o acesso da população ao livro, e apresenta como proposta: “*um conjunto de estratégias destinadas a promover a competência leitora, os hábitos de leitura e o acesso aos livros, especialmente voltado à inclusão cultural de 70 % da população brasileira que não tem acesso ao livro e aos bens culturais*” (2011). Para receber o apóio os projetos devem atender os objetivos, estratégias e planos de metas do instituto. O projeto deve priorizar crianças e jovens, e deve envolver educadores, pais, bibliotecários, animadores e mediadores de leitura.

Em se tratando das ações governamentais voltadas para o incentivo à leitura, o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), tem como objetivo assegurar e democratizar o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade, criar condições e apontar diretrizes para a execução de políticas, programas, projetos e ações continuadas por parte de Estado. O plano conta com quatro eixos de ação: (1) Democratização do Acesso; (2) Fomento á leitura e à Formação de Mediadores, (3): Valorização Institucional da Leitura e Incremento de seu Valor Simbólico, (4): Desenvolvimento da Economia do Livro “(2010).

A lei n.o 10.753, de 30/10/2003, instituiu a Política nacional do livro, é o instrumento legal que autoriza o Poder executivo a criar projetos de incentivo à leitura e acesso ao livro. Em seu capítulo I trata da Política Nacional do Livro Diretrizes Gerais ao afirmar no artigo 1º “V *“promover e incentivar o hábito da leitura”*. Os outros capítulos tratam sobre: Cap. II do Livro, Cap. III da Editoração, Distribuição e Comercialização do Livro, Cap.IV da Difusão do Livro, Cap. V Disposições Gerais.

Encontra-se nesta legislação no Capítulo IV, Art.13, a competência do Poder Executivo em criar e executar projetos de acesso ao livro e incentivo à leitura, ampliar os já existentes e implementar, isoladamente ou em parcerias públicas ou privadas, as seguintes ações em âmbito nacional.

Esses materiais nos trouxeram até aqui, alimentaram e enriqueceram nossas mentes, nos embasaram, calçaram e ajudaram durante o caminho. O mais importante reforçaram a nossa decisão de pesquisar o tema escolhido, nos fazendo ver que apesar de haver muitas pesquisas relacionadas a este tema, ele é muito amplo e importante para a sociedade, sendo assim precisa ser visto e revisto, e muito estudado e trabalhado.

1.3 - Tipos de leitura

Ao escolher um texto para ler não pensamos qual a concepção, processo ou tipo de leitura estamos utilizando. Lemos por necessidade ou desejo, mas para nossa pesquisa decidimos ver esses aspectos e assim nos aprofundarmos mais nessa temática. Fizemos algumas pesquisas bibliográficas sobre os tipos de leitura mais trabalhados e identificamos alguns como a leitura informativa e a silenciosa (RANGEL, 2005), a leitura de mundo (LAJOLO, 1994), a literária, a crítica (FREIRE, 2003) e etc. Todas essas modalidades são consideradas em nossa pesquisa, pois não importa o tipo de leitura que se escolha fazer mas sim o ato de ler, ficando livre para o leitor decidir qual é tipo de leitura que mais lhe agrada.

A leitura informativa sempre nos faz pensar em jornais e revistas, mas podemos acrescentar que nos livros literários encontramos muitas informações que enriquecem nossos conhecimentos.

Os leitores do nosso século contam com uma ferramenta de grande porte quando o assunto é informação, pois em questão de minutos é possível saber o que está acontecendo em qualquer parte do mundo: essa ferramenta é a internet. Nela encontramos textos jornalísticos, entre outros, sobre o assunto que desejarmos.

O jornal foi durante algum tempo o mais importante meio de comunicação porém hoje existem o rádio, a televisão, as revistas e a internet mesmo assim ele não perdeu seu espaço pelo contrário há uma maior quantidade de oferta e agora encontramos dos mais caros aos mais baratos. Estes são bastante utilizados nas salas de aula e não só

por professores de português mas também por professores de outras disciplinas que o utilizam para tratar dos temas a serem trabalhados.

A leitura silenciosa como o próprio nome já diz é aquela feita em silêncio, está é por vezes utilizada na escola por se acreditar que esse tipo de leitura facilita a apreensão do que está sendo lido, outras vezes é utilizada para manter a turma em silêncio, quem nunca ouviu a professora dizer: *“-Silêncio! É pra ler com os olhos!*

A leitura não acontece apenas quando estamos diante de um texto, ela pode acontecer antes mesmo da alfabetização e é a chamada de “Leitura de Mundo”. Esse tipo de leitura começa antes mesmo do individuo chegar à escola, e se apresenta no momento em que as crianças passam a perceber o mundo que existe ao seu redor e a interpretá-lo ao seu modo. Percebe o quintal de sua casa, o parquinho, a casa de seus parentes e as relações com os membros da família e com seus primeiros amigos. *“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”* (FREIRE 2003; p.11).

Esse é um tipo de leitura que não começa na escola, mas neste ambiente ela se amplia através dos conhecimentos que o individuo adquire, essa leitura se dá também de uma maneira informal já que ela não está fadada a acontecer somente na escola.

Quando falamos em Leitura Literária sempre nos lembramos dos livros, da literatura que aprendemos na escola, dos grandes Clássicos e dos autores que marcaram a literatura nacional e internacional. Acreditamos que esse tipo de leitura seja a soma de todas essas características e de outras. Nesse campo encontramos muitas discordâncias sobre o que é uma literatura de qualidade e o que não serve nem como “distração”. Para alguns críticos os livros de Machado de Assis são clássicos e devem ser conhecidos por todas as pessoas que se consideram bons leitores, porém J.K.Holling, autora da coletânea Harry Potter, apesar de ser uma autora de best-sellers pode ser considerada por alguns críticos como uma péssima leitura. Os mais empolgados na discussão acreditam que não é possível um leitor gostar dos dois autores.

Acreditamos que a escola deve ser um local de descobertas, e assim os alunos devem conhecer os “grandes autores” e aqueles que não são vistos como “tão grandes” mas que abordam temas relacionados ao momento que os alunos estão vivendo e por

isso têm um apelo emocional maior para esse grupo e que eventualmente venham até ajudá-los a lidar com conflitos que possam existir. Por outro lado os clássicos não devem ser esquecidos ou deixados de lado, por fazerem parte da nossa riqueza cultural, por contar a história do nosso país e acima de tudo pela riqueza encontrada nos textos tão bem escritos, assim o ideal é que todas as leituras possam conviver e contribuir para a formação dos futuros leitores.

“Um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros. E ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocaram prazer particular.” (ZILBERMAN, 2005.p.: 9)

A Leitura Crítica é aquela que se desvia da leitura mecânica ou da leitura que se preocupa apenas com a gramática, é ter consciência do que foi lido e saber da influência, ou não, do escrito na sociedade. Saber como alguns textos, dependendo do autor, têm o poder de influenciar no modo de pensar das pessoas e nas várias áreas da sociedade do seu país ou até do mundo, é estar ciente se concorda ou não com o texto e poder debater ou confrontar com ele, e através das suas leituras perceberem que: *“Fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado”* (FREIRE, 2003; p. 40).

Para chegar à leitura crítica é necessário que haja a leitura de mundo, a leitura da palavra e que o sujeito seja capaz de relacionar as duas de forma consciente, ou seja, de forma crítica.

Em seu livro *“O que é leitura”*, Maria Helena Martins (1994) aponta três níveis de leitura que se complementam no ato de ler e são eles: emocional, racional e sensorial, porém um deles será mais latente dependendo do leitor e da leitura, assim:

“... Não se deve também supor a existência isolada de cada um desses níveis. Talvez haja, como disse, a prevalência de um ou outro. Mas creio mesmo ser muito difícil realizarmos uma leitura apenas sensorial, emocional ou racional, pelo simples fato de ser próprio da condição humana inter-relacionar sensação, emoção e razão, tanto na tentativa de se

expressar como na de buscar sentido, compreender a si próprio e o mundo.”
(MARTINS.1994, p.77)

Em nossa pesquisa trataremos do nível da leitura emocional que é aquela que toca o leitor não apenas de forma racional mas mexe com seus sentidos e desperta emoções criando uma cumplicidade entre livro e leitor. Martins (1994) afirma que *“quando uma leitura - seja ela do que for-nos faz alegres ou deprimidos, desperta a curiosidade, estimula a fantasia, provoca descobertas, lembranças-aí então deixamos de ler apenas com os sentidos para entrar em outro nível de leitura-o emocional”* (p.48), esses sentimentos podem se manifestar durante a leitura de um livro, um jornal ou na leitura do mundo a sua volta basta que o que está sendo lido faça algum sentido para o leitor, para que isso aconteça a leitura tem que ir de encontro com o mesmo, o texto tem que está dentro do contexto em que vive o leitor ou ela corre o risco de não ter sentido e/ou não ser atrativa a ponto de prendê-lo.

A leitura tem que fazer sentido para quem ler, quando se busca uma informação o texto tem que ser coerente e responder as dúvidas do leitor, quando se busca uma literatura esta deve trazer histórias que cruzem com pelo menos alguns pontos da realidade do leitor para que faça algum sentido para o mesmo, até as histórias de ficção científica partem de coisas que já existem para recriá-las mais modernas facilitando assim a compreensão de quem ler. O professor que trabalha o incentivo a leitura com sua turma deve pensar nos conhecimentos prévios de seus alunos para solicitar a leitura de uma obra ou de determinado autor, isto não quer dizer que ao trabalhar com alunos de uma comunidade carente o professor só deva trabalhar textos relacionados com essa realidade, por exemplo, porém não deve se afastar a tal ponto que o texto não faça nenhum sentido.

“... os leitores precisam se reconhecer nas personagens há limites para mexer com a temporalidade, e a ação precisa ter um mínimo de coerência. Outra questão é crucial: o leitor também traz algum tipo de experiência, uma bagagem de conhecimentos que precisa ser respeitada, caso contrário se estabelece um choque entre quem escreve e quem lê, rompe-se a parceria que só dá certo se ambos se entendem. Se o escritor contradisser demais as expectativas do leitor, esse rejeita a obra, que pode ficar à espera de outra oportunidade ou então desaparecer da história.”
(ZILBERMAN. 2005, p. 13-14)

Acreditamos que ao lermos algo que nos toca essa leitura não passa vazia pela vida ao contrário ela deixa marcas, faz você refletir sobre sua vida ou sua prática, ela acrescenta de alguma forma em alguma área da vida de quem a leu, assim a leitura emocional não é aquela que apenas nos faz pensar, refletir ou criticar é aquela que vai, além disso, pois ela nos dá prazer ao ler.

II - FORMAÇÃO DO LEITOR

Um livro existe sem leitor? Ele pode existir como objeto, mas, sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual. Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se aposar, para dele fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou para transformá-lo em experiência?
Roger Chartier

O foco principal deste capítulo é a formação do aluno leitor, este aluno não é apenas o encontrado nas séries iniciais, mas também aquele que hoje é professor, que um dia já foi aluno no seu percurso escola e na graduação, e que agora se vê no papel de incentivador/formador.

Neste capítulo falamos da Leitura na Formação do Professor, considerando que exista uma forte ligação com a leitura durante toda sua vida profissional, destacando-se aqueles que atuam nas turmas do primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental. Antes de analisarmos como eles trabalham este conteúdo com seus alunos, gostaríamos de ver como esse conteúdo foi trabalhado durante a sua formação e se o incentivo ou a falta deste refletiu ou não em seu relacionamento com a leitura no seu trabalho. Para tanto utilizamos as respostas, referentes ao tema, que se encontram nos questionários que foram respondidos por algumas professoras do segundo ano do Ensino Fundamental como também as pesquisas que fizemos sobre o tema.

Em nosso trabalho realizamos a pesquisa qualitativa. Através das professoras do segundo ano do ensino fundamental buscamos compreender como acontecem as atividades de incentivo à leitura prazerosa. Para atingir nossos objetivos realizamos trabalho de campo e ainda um questionário com perguntas abertas.

Nossa pesquisa de campo ocorreu entre os meses de setembro e dezembro de 2010, em uma escola estadual localizada no município de São Gonçalo, numa classe do segundo ano do Ensino Fundamental, no turno da manhã. Durante os meses de outubro e novembro foram disponibilizados os questionários com cinco professoras, incluindo a professora da turma na qual fizemos nosso trabalho de campo. Todas as

professoras que se disponibilizaram a responder este questionário também atuam em turmas do segundo ano do Ensino Fundamental em escolas situadas no município de São Gonçalo.

As professoras A e C atuam em escolas estaduais, a professora D atua em uma escola da rede municipal e as professoras E e B atuam em escolas particulares. Durante os nossos textos elas não foram identificadas. Elas responderam a um questionário com perguntas relacionadas a sua experiência pessoal, suas memórias e registros da aprendizagem em leitura como também suas práticas como professoras. O questionário visava compreender a relação das professoras com a leitura, o seu trabalho de incentivo e como a escola e os seus alunos respondem a este tipo de proposta.

Na segunda parte deste capítulo analisaremos como se dá a relação Professor/Aluno/Incentivo a Leitura, temas que irão nos transportar para dentro da sala de aula uma vez que pretendemos perceber como o professor trabalha o incentivo a leitura com os seus alunos, e na maioria das vezes essa relação acontece nesse espaço. Neste momento os questionários também serão de grande importância para nos levar até esse lugar.

Para concluir este capítulo, com a intenção de compreender um pouco da relação texto-leitor, discutimos como o segundo se comporta diante do primeiro. Através deste debate procuramos entender quais são os elementos necessários para escolher um livro ou um texto na hora de trabalhar o incentivo a leitura com os alunos na escola. Tendo como referência a pesquisa bibliográfica trazemos o pensamento dos autores que propõe esta ligação: texto – leitor.

2.1- A leitura na formação do professor

Ao pesquisarmos o incentivo a leitura devemos pensar no aluno - leitor sem esquecer é claro do professor que participa da formação desse aluno, por isso devemos investigar a relação desse professor com a leitura na sua formação, no seu cotidiano

pessoal e profissional sendo assim um olhar mais apurado para esse profissional é totalmente relevante para a compreensão do trabalho de incentivo a leitura.

“Verifica-se que o descaso na área de investigação sobre o ato de ler do aluno-leitor brasileiro corporifica-se ainda mais, resvalando até mesmo na idéia de indiferença, quando se analisa o preparo do professor, naqueles aspectos que se referem ao ensino da leitura. (SILVA, 1988, p.34)

Esse olhar estende-se a formação do profissional da educação, pois através da nossa pesquisa tentaremos não só perceber como o professor incentiva a leitura, mas também como essa foi trabalhada na sua formação. A forma como o professor encara a leitura define como será o seu trabalho, pois mesmo que a escola faça projetos de leitura, tenha uma ótima biblioteca ou utilize outros recursos pra incentivar a leitura, se o professor não reconhecer a importância ou a necessidade de se trabalhar o tema os resultados não serão tão positivos quanto seriam se esse profissional entendesse e participasse de forma ativa do projeto.

Nos meios de comunicação várias pesquisas mostram que somos um país de poucos leitores, mas não vemos pesquisas que falem sobre a formação do professor em relação à formação de leitores e propostas oficiais no sentido de mudar este panorama. Não podemos querer que os professores sejam os melhores incentivadores se eles não estão preparados para isso. Comparando com o meio empresarial, quando surge uma tecnologia nova ou quando as antigas se renovam as empresas costumam incentivar os seus funcionários a fazer um curso de capacitação, isso quando as próprias empresas os oferecem. No caso da escola, a prática é deixar seu professor sozinho e cobra dele o máximo possível?

Não é comum ver nas escolas rodas de leitura composta por professores que escolhem seus livros e depois debatem com os colegas o que leu, não vemos atividades que incentivem os professores a se tornarem leitores e também não encontramos muitos professores nas bibliotecas a procura de livros que lhe concederão uma leitura prazerosa e que poderá ser compartilhada com seus alunos durante a aula.

Em uma entrevista concedida a revista Nova Escola (2001) Ana Maria Machado, autora de livros infanto-juvenis, ao ser perguntada se acreditava que os professores lêem pouco respondeu que *“muito pouco, porque a formação que recebem não dá ênfase a isso (p.21)*, a afirmação da autora vai de encontro ao que percebemos durante nossas pesquisas.

Mas essa afirmação nos preocupa um pouco porque como formaremos leitores com professores que não lêem. Ninguém é obrigado a ser apaixonado por leitura, mas nossos professores precisam estar preparados para trabalhar esse assunto. As palavras da autora confirmam nossas palavras:

“... É uma situação completamente contraditória. Ninguém contrata um instrutor de natação que não sabe nadar. No entanto, as salas de aula brasileiras estão cheias de gente que, apesar de não ler, tenta ensinar. Como esperar que os alunos se interessem?”
(MACHADO, 2001, p.21)

O professor ouve e lê muito sobre o incentivo a leitura, mas não consegue perceber essa importância uma vez que suas experiências escolares com a leitura sempre estiveram ligadas com fazer alguma atividade a partir do que foi lido e durante a sua formação suas leituras em geral são leituras para estudo com o objetivo de adquirir conhecimento sobre a disciplina estudada. Em geral lêem grandes autores mais nenhuns destes textos são literários.

Este professor sabe que uma boa alfabetização é importante para que seu aluno tenha autonomia e consiga ler o mundo a sua volta, sabe que é preciso trabalhar a gramática para que além de saber ler o aluno possa escrever corretamente, que através da aula de literatura o aluno será capaz de reconhecer todos os gêneros literários e após todas essas etapas irá conseguir passar em um vestibular ou em qualquer prova de concurso, mas não vê que a leitura, livre dessas amarras, é um meio para alcançar todas essas coisas.

“De qualquer forma, o objetivo de proporcionar ao aluno o contato com modalidades cultas do português não pode ser pretexto para limitar a isso o trabalho com o texto, pois o texto não está em função da linguagem, mas vice-versa.” (LAJOLO, 1991, p.57)

Como já afirmamos o professor não é obrigado a gostar de ler, mas ele precisa estar preparado para trabalhar a leitura com seus alunos de uma forma que não os afastem do prazer de ler, e isso ocorre quando a leitura está ligada a exercícios gramaticais, provas e questionários. Não estamos dizendo que os exercícios gramaticais são inúteis e não devem ser utilizados, ao contrário, mas queremos mostrar que ao utilizar os textos *apenas* com esta finalidade estamos ensinando aos alunos que os textos servem para ser cortados em pedaços para ajudá-los a responder algumas questões, e isso destrói o encantamento do texto podendo perder a finalidade para a qual foi escrito. Os cursos de formação de professores deveriam então prepara seus licenciandos nesta direção, mas em muitos casos ocorre o contrário, o curso que deveria incentivar o futuro professor a ler acaba afastando-o da leitura, repetindo e reforçando o que já havia acontecido nas séries iniciais.

Através de um questionário investigamos como as professoras, que participaram da nossa pesquisa, foram incentivadas a ler em sua época da escola e na sua formação. A maioria não lembra a forma como seus professores, da escola, trabalharam a questão da leitura e das que lembram suas respostas só reforçam a imagem da educação mecanizada, como nestes depoimentos:

“Trabalhava-se a leitura de livros extraclasse com a finalidade de fazer prova.” (Profª. D, docente da rede municipal)

“Através da cartilha” (Profª. B, docente em escola particular)

Quando perguntadas como a leitura foi trabalhada na sua formação, no curso normal ou na graduação, as respostas não são tão satisfatórias, pois algumas não lembram e outras não tiveram. Apenas uma deu uma resposta afirmativa: “_ *Na minha formação foi trabalhado em grupo*” (Profª. A, docente da rede Estadual).

Em alguns casos a falta de incentivo não compromete a formação de um leitor, pois assim como ocorre na educação informal, que “*é todo processo realizado na vida cotidiana, as experiências, atividades, atividades educativas do meio familiar, do trabalho ou lazer e através dos meios de comunicação*”. (CAZELLI, 2009), o individuo pode receber o incentivo de outras pessoas que não seus professores e em outros

lugares que não a escola. Um bom exemplo é uma de nossas professoras que relatou suas lembranças de incentivo passadas fora do espaço escolar.

“Meu gosto pela leitura começou nas férias de janeiro que passei na casa da minha tia em Miguel Pereira. Meu tio era professor e em sua casa havia um quarto cheio de livros. Fique encantada e comecei a ler aqueles livros: D. Casmurro, O Cortiço, A Ilha Perdida e outros.” (Prof.^a D, docente da rede municipal)

O que conseguimos perceber durante nossas pesquisas foi que alguns professores mesmo não tendo o hábito da leitura conseguem perceber a importância do incentivo, porém algumas vezes não sabem como trabalhar com seus alunos porque não conhecem outro exercício que não aquele aprendido na escola e na sua formação. Por isso a parceria professores – direção é muito importante. Quando a primeira encontra na segunda um apoio para seu aprimoramento e crescimento profissional, quando ambas trabalham juntas para um resultado positivo ser mostrado em sala o incentivo passa a fazer parte do cotidiano da classe e pode ser feito de uma forma que conte com o apoio e a participação dos alunos. Nos cursos de formação é importante preparar o aluno para que através das suas experiências ele se torne um profissional capaz de trabalhar todos os conteúdos em sala com seus alunos, pois durante a formação aprendemos os conteúdos e refletimos sobre a nossa formação e a nossa prática como futuros professores, assim ao entrarmos na sala de aula já teremos um contato com a leitura e a veremos com outro olhar, e os exercícios deixarão de ser apenas ligados a gramática e trabalharão a leitura em um sentido mais amplo.

Assim como em muitos outros cursos o curso de formação de professores deve ser sempre revisto e melhorado quando houver necessidade, pois são esses profissionais que formam a nova geração de cidadãos e os futuros profissionais do nosso país. O curso deve ser valorizado como todos os outros e o profissional deve ser além de bem remunerado, valorizado e respeitado como a sua profissão merece.

2.2 - O professor, o aluno e o incentivo a leitura

Em suas aulas o professor tece uma teia de saberes junto com seus alunos e nesse momento acontecem trocas e incentivos. É essa teia que queremos observar e é esse momento de troca e incentivo que queremos conhecer. Nesse momento queremos nos transportar para a sala de aula e ver como esse professor trabalha o incentivo a leitura com seus alunos. Nesse tópico entraremos na “intimidade” da sala de aula para tentar perceber a relação do professor com seus alunos no momento da aula dedicado a leitura.

Em nossas pesquisas bibliográficas percebemos que o quê mais marca o trabalho com a leitura nas escolas são os aspectos fechados e restritos das atividades, com a finalidade única para a qual a leitura é pedida que é ler para fazer alguma prova ou exercícios e o desânimo dos alunos perante essa situação. O professor tem um papel importante para a quebra dessa visão e para que essa situação possa mudar, mas é preciso que ele esteja disposto e preparado a realizar tal mudança. Na opinião de Lajolo, (1991), *“Entre as primeiras providências ao alcance do mestre, uma é assumir com os alunos, perante o texto, uma perspectiva que o violente o menos possível.”* (p.53)

Os professores precisam trabalhar com a leitura de forma que ela alcance a realidade de seus alunos e devem permitir que eles possam ter uma postura de leitor, aquele que às vezes não gosta de um livro, em outro momento quer ler um livro duas vezes seguido ou até mesmo aquele que ao ler pula os trechos que não lhe agradam. No trabalho do incentivo a leitura não deve haver preconceitos, o professor deve apresentar os bons textos para os seus alunos, mas também deve dar a oportunidade dos alunos trabalharem ou dividirem com seus colegas as observações feitas sobre uma leitura que pode ser vista como não recomendada, essa troca representa um momento importante da relação professor – aluno já que reforça essa relação e aproxima mais esses dois sujeitos.

O professor deve ler o material que vai trabalhar para ter um bom conhecimento do mesmo e ter segurança na hora que for utilizá-lo em sala com seus alunos, e para que estes possam vê-lo como um exemplo e não como um professor que manda os alunos lerem algo mais ele não lê e utiliza este material apenas porque a escola

“manda”. Ao trabalhar qualquer conteúdo o professor precisa ter um bom preparo e estar bem embasado para a aula, o mesmo deve acontecer no momento que ele vai trabalhar a leitura com seus alunos, pois neste momento ele será um exemplo e um referencial para os alunos.

Em sua entrevista a revista Nova Escola a escritora Ana Maria Machado afirma que *“Em primeiro lugar, o professor nunca deve indicar algo que não tenha lido. Nem algo que, tendo lido, não lhe tenha agradado.”* (2001, p.22). Da mesma forma que o professor planeja as aulas de matemática, revendo e estudando os problemas a serem utilizados na aula, ele deve se planejar para a aula de leitura lendo e conhecendo o texto que será trabalhado. O professor deve trabalhar utilizando um material no qual confia e acredita por isso, quando lê um texto que não lhe agrada, pode decidir por não utilizá-lo. Esta escolha irá tornar o trabalho mais agradável para ele e seus alunos. Em outras situações a escolha de um texto pode ser indicada por alunos ainda que para o professor este texto não tenha o mesmo apelo.

O trabalho em sala de aula deve ser agradável para professores e alunos, tendo as afirmações da autora Ana M.Machado como base, podemos afirmar que ao incentivar o aluno a ler o professor deve estar á vontade nessa posição e não indicar algo que foi recomendado em algum manual de leitura ou pela direção da escola e que ele mesmo, o professor, não gostou pois corre o risco de não fazer um bom trabalho. A posição do professor – leitor deve ser respeitada durante o seu trabalho em sala, pois da mesma forma que um aluno pode não ler um livro que não gostou o professor também deve ter a liberdade de não trabalhar com uma literatura que não lhe agradou.

Durante a nossa pesquisa contamos com a participação de algumas professoras, do segundo ano do ensino fundamental, que através de um questionário relataram um pouco de sua prática em sala. Suas respostas nos ajudaram a perceber um pouco da sua prática e conhecer o que é feito por elas na sala.

Através das respostas encontramos modos diferentes de trabalho com a leitura, os trabalhos em sua maioria são fechados pois estão sempre acompanhados de um exercício, atividades propostas pelos livros e provas. Uma das respostas mostra bem o trabalho tradicional e a imposição exercida pela direção da escola.

“Na escola eram cobrados 4 livros, um livro por bimestre e dessa forma eram feitas as avaliações.” (Prof.^a A, docente da rede Estadual)

Apesar de em alguns casos haver a imposição da direção escolar as respostas nos mostraram que algumas vezes após fechar à porta as professoras fazem o seu trabalho da forma que mais lhe agrada. A professora que trabalha com livros extraclasse cobrados pela escola também trabalha com outros materiais, que não livros, para incentivar os seus alunos e as suas aulas de leitura não ficam restritas aos livros para fazer prova.

“Sempre levo revistas, jornais e informações para estimular a leitura. (Prof.^a A, docente da rede estadual)

Outra professora faz a interdisciplinaridade com seus alunos, aproveitando o assunto que está sendo trabalhado em sala.

“Trabalho a leitura de acordo com a necessidade da turma ou quando estou ensinando um assunto novo, procuro trazer livros ou textos que despertem a curiosidade e o interesse dos alunos para o mesmo.” (Prof.^a D, docente da rede municipal)

Este trabalho liga a realidade ao texto e podem ser utilizados livros, textos ou artigos de jornais e revistas que tratem do assunto trabalhado e o ponto positivo é que mostra para o aluno que o livro muitas vezes retrata a realidade e que alguns deles contêm assuntos do nosso cotidiano mesmo que a linguagem utilizada se afaste um pouco da linguagem do aluno.

Neste caso a professora dá ao aluno a oportunidade de conversar com o texto utilizado e fazer a ponte texto – realidade, sempre afirmamos que algumas leituras se afastam da realidade do aluno, mas a forma que essa professora trabalha trás para perto do aluno tanto o assunto que está sendo estudado quanto à leitura, uma leitura com o intuito de informar e incentivar a leitura prazerosa, mas obter informação também é uma forma prazerosa de leitura, pois é uma informação que chega até o leitor de uma forma livre e sem muitas cobranças.

Perguntamos as professoras sobre o material utilizado em sala durante as aulas de leitura, algumas utilizam os materiais convencionais como livros, jornais, revistas,

textos e músicas porém uma delas trabalha com um material que para algumas pessoas está muito distante do universo da leitura.

“Livros, jornais, dramatização e quebra – cabeça.” (Prof.^a D, docente da rede municipal)

Buscando diversificar esta professora mostra intenção em incentivar seus alunos utilizando a brincadeira como forma de aproximação do livro e também mostra que com materiais simples e de fácil aquisição o professor consegue alcançar os seus alunos, outras formas de incentivo utilizadas são a dramatização de um texto ou de um livro, contação de história, mímica, desenhos e etc. Todas essas atividades estão presentes no cotidiano de seus alunos e estão de acordo com a faixa etária dos mesmos, nenhuma atividade vai além do universo das crianças do segundo ano do Ensino Fundamental e as atividades englobam todos os alunos sem que seja necessário deixar algum de fora. Esta prática é importante pois o trabalho em grupo desperta o interesse em participar e conseqüentemente a leitura dos textos.

“Não havendo motivação, o aluno não se posiciona de modo ativo diante da matéria... Sem vontade e sem iniciativa para desvendar e descobrir, não há conhecimento.” (CUNHA, p.75, 2007)

Outro fator importante é que essas atividades são atividades de motivação ou de pré-leitura, ou seja, podem ser utilizadas para despertar o interesse na leitura de um livro e assim o aluno faz a atividade para poder ler e não faz a leitura para realizar a atividade, é o exercício para a leitura e não a leitura para o exercício. Neste contexto os professores estão rompendo a barreira do trabalho formal e fechado com a leitura e tornando esse momento agradável como deve ser. Caso contrário como poderemos incentivar a leitura prazerosa com os alunos se o trabalho realizado em sala for chato e tedioso?

Gostaríamos de reafirmar que o professor, no seu espaço na sala de aula desenvolve autonomia e toma decisões. Nas propostas onde a integração coordenação – professor acontece, mesmo que a escola adote livros extraclasse, o professor também pode participar da escolha desses livros. Numa visão atual sobre as práticas

de troca e parceria entre os profissionais da escola considera-se que elas favoreçam a autonomia dos professores contando com o apoio da direção para executadas. Já numa situação de controle e fiscalização, Lajolo (1991) adverte:

“À espreita das melhores intenções dos professores, no entanto, estão os programas, em alguns casos encarnados nas autoridades escolares mais próximas, que se arrogam o direito de fiscalizar aulas, diários, avaliações.”
(p.57)

O trabalho em conjunto da coordenação, dos professores, dos bibliotecários, da comunidade escolar e da família vai favorecer não só o trabalho do professor em sala como aos alunos que são o foco principal da escola. Através dos nossos questionários foi possível perceber que as professoras entrevistadas não encontram barreiras da escola quando o assunto é a leitura. Ao serem perguntadas se a escola onde atuam permite que utilizem textos ou livros que não foram pedidos no planejamento curricular da escola todas as professoras nos deram respostas positivas, isto mostra que a direção destas escolas estão promovendo essa interação que citamos acima e levando em consideração a palavra do professor que na comunidade escolar é quem tem mais contato com os alunos de sua classe e por isso conhece melhor seus gostos e a forma de trabalhar a leitura que mais lhes agrada.

Após trabalhar o incentivo à leitura é a hora de perceber se os alunos estão se apropriando desse conhecimento. Essa resposta não precisa necessariamente vir das provas ou exercícios, ela pode ser demonstrada pelo interesse dos alunos e em suas conversas informais com os professores ou com seus colegas de classe. Das professoras que participaram da pesquisa a maioria demonstrou “avaliar” através do interesse dos seus alunos e outras utilizam os exercícios ou atividades.

“Desenhos, empolgação, interesse durante a contação e discuto sobre a história.” (Prof.^a C, docente da rede Estadual)

Ainda explorando os depoimentos e registros da nossa pesquisa, foi possível perceber que as professoras que participaram são professoras leitoras que trabalham para formar alunos leitores, utilizam boas estratégias para atrair seus alunos para o mundo da leitura, porém trabalham com o velho hábito de ler para fazer um exercício.

Sabemos que antigos hábitos são difíceis de mudar, como árvores com raízes profundas, mas sabemos também que com um pouco de esforço das várias esferas da educação é possível haver mudança, mesmo que demore.

“Trabalho com crianças que não tem muito acesso a leitura, apesar do desinteresse pela leitura procuro incentivá-los a ler tudo que eles encontram, mostrando – lhes a importância da mesma” (Prof.^a D, docente da rede municipal)

Não podemos esmorecer nem desistir, devemos sim pensar nos alunos que contam com nós, professores, já que alguns deles não têm acesso a leitura ou o incentivo em casa. O trabalho muitas vezes é cansativo mais a certeza é muito mais recompensador.

2.3 - Relação texto – leitor

Neste momento iremos falar um pouco do leitor frente ao texto, como este se posiciona diante da leitura. Este leitor pode ser tanto o aluno como o professor. Conhecer a maneira como um sujeito vê o objeto lido ajuda na hora de escolher o livro a ser trabalhado. Veremos os aspectos cognitivos e o que denominaremos “relação texto – leitor”.

Um leitor não é necessariamente uma pessoa que sabe ler, um exemplo é a leitura de mundo que é feita a partir dos conhecimentos adquiridos no decorrer da vida. Uma criança pode “ler” um livro através das gravuras enquanto reconhece as figuras ali apresentadas e encontra significação nelas. Para fazer a leitura da palavra o leitor precisa conhecer a modalidade escrita e ter certo nível de conhecimento lingüístico. Em seu livro “*Texto e Leitor – Aspectos Cognitivos da Leitura*”, Kleiman (1995) aponta os níveis de conhecimento lingüístico que se entre cruzam e que são necessários para que não haja falhas na compreensão do texto a ser lido.

Segundo a autora o conhecimento prévio do leitor é muito importante, pois é através deste que o aluno será capaz de fazer a ponte entre o texto e os seus conhecimentos e não será apenas aquele que recebe o conhecimento contido no texto

uma vez que, haverá uma troca. Assim o leitor não será um recipiente já que “*recipientes não compreendem*” (KLEIMAN, 1995p. 26). Dentro deste conceito de conhecimento prévio estão contidos três níveis de conhecimento necessários no momento da leitura, para que haja uma melhor compreensão do leitor. São eles:

- *Conhecimento Lingüístico* é o conhecimento e a compreensão da língua materna, ou seja, todo brasileiro é capaz de falar e entender o português, e se ele for alfabetizado também é capaz de ler um texto em português. O aprofundamento do conhecimento, das regras de uso da língua, virá através da aquisição deste conhecimento, que na maioria das vezes, acontece na escola, porém a língua é aprendida no cotidiano do indivíduo.
- *Conhecimento Textual*, que é “*o conjunto de noções e conceitos sobre o texto*” (p. 16), para obter esse conhecimento o indivíduo precisa ser um pouco experiente para saber identificar os tipos de texto e a intenção do autor ao escrevê-lo. Através deste conhecimento o leitor será capaz de identificar, por exemplo, a estrutura do texto, se este é expositivo, narrativo, descritivo e etc.
- *Conhecimento de Mundo* é aquele que pode ser adquirido na escola ou informalmente através das experiências vividas numa sociedade, e é apreendido no decorrer da vida. Este conhecimento abrange tanto conhecimentos específicos, o que um médico sabe sobre a medicina, como conhecimentos gerais, o leite é extraído da vaca.

Para a autora esses conhecimentos, se utilizados juntos, farão com que o leitor obtenha melhor compreensão do texto lido. Se o leitor “dominar” todos esses conhecimentos haverá menos ou nenhuma dificuldade para compreender o texto e a compreensão levará a apropriação do texto.

“O conhecimento lingüístico, o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento da compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado” (KLEIMAN, 1995, p.26)

É importante que o professor conheça os aspectos que envolvem a compreensão da leitura. É a partir dessa compreensão que o professor – leitor irá

construir “as bases para uma atividade de metacognição, isto é, de reflexão sobre o próprio saber” (KLEIMAN, 1995p. 9), refletindo na sua prática em sala com o seu aluno – leitor. Não vamos aqui afirmar que ao trabalhar o incentivo à leitura os professores do segundo ano do Ensino Fundamental irão utilizar esses três níveis de conhecimentos, uma vez que seus alunos ainda não aprenderam sobre as estruturas do texto, porém eles já possuem um conhecimento lingüístico, adequado para a sua idade e já adquiriram algum conhecimento de mundo.

Seguindo a linha de pensamento de Kleiman, 1995, após a aquisição destes conhecimentos, ou de parte deles, o leitor parte para a leitura que não deverá ser vazia ou sem nenhum significado, pelo contrario deve ser o momento no qual o texto ganha vida e exerce seu real propósito, ser lido.

“O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escritura.” (LAJOLO, 1991, p.52)

Ao falarmos de leitura sempre fazemos uma conexão com o texto ou com o leitor deste texto, porém antes de acontecer à leitura ocorre a escrita do texto. O ato de escrever é um ato quase sempre solitário e é neste momento que ocorre a relação autor – texto. Este autor é o gênese de tudo, pois sem um autor não há texto e sem texto não há leitor.

Este precisa pensar no público que deseja atingir antes de escrever o texto e é claro que seu trabalho pode ultrapassar esta barreira e chegar a outros públicos. Ele também precisa preservar certa cumplicidade com os seus leitores e saber que seu trabalho só está finalizado quando seu texto chegar às mãos do leitor. É durante a leitura que ocorre a relação autor – texto – leitor, onde a conversa entre esses dois indivíduos se faz usando como ponte o texto.

Já o leitor se apropria do texto da sua forma e a ele é dispensado certa liberdade na escolha da obra que vai ser lida e a forma como será lida. É ele que decide se vai começar do primeiro capítulo ou se vai iniciar pela leitura do terceiro capítulo, se deve dar prosseguimento a leitura ou se esta deve ser interrompida. Cada leitor é único e

conseqüentemente a sua leitura também será: “*cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular.*” (CHARTIER, 2005, p. 91)

Uma leitura nunca é como a outra mesmo que o individuo leia um texto duas vezes. Cada leitura trará novas experiências para quem lê. Os agentes externos influenciam no momento da leitura. Uma menina que lê um livro que conta a história da Índia, mas não conhece nada do sobre aquele país, fará uma leitura, se após algum tempo adquirir certo conhecimento sobre o assunto e voltar ao livro fará uma outra leitura.

Nas palavras de Chartier:

“Mas, todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância.” (2005, p.70)

O ato da leitura pode despertar emoções no leitor. Martins (1994) em seu livro “*O que é leitura*” nos aponta a leitura emocional, aquela que desperta alegria, tristeza e outros sentimentos no leitor. Muitas vezes o leitor não consegue perceber o alcance que o texto tem sobre ele no momento da leitura, acreditando que está apenas adquirindo conhecimento quando na verdade o processo está sendo mais íntimo e profundo do que ele imagina.

Vivemos em uma época na qual o texto está cada vez mais próximo do leitor pensando, por exemplo, do ponto de vista da utilização das mídias eletrônicas: num click os leitores podem ter acesso a diferentes meios de leitura. No entanto a afirmativa acima não atende a maioria da população brasileira uma vez que muitos ainda não podem comprar jornais, revistas ou livros. Desta forma é muito importante a realização de projetos e o empenho dos professores neste campo.

III - A LEITURA NA ESCOLA

“Sabendo-se que o sentido é múltiplo, é válido ressaltar que estas questões e outras que assaltam minha mente, ao reler minhas anotações de campo, são tomadas aqui como um leme para buscar compreender melhor os processos de significação inerentes ao ser humano que, na sua relação intersubjetiva, historicamente constituída, problematiza a realidade em que vive.”

Jurema N.M.Rangel

Nossa pesquisa visa perceber como anda o incentivo a leitura nas turmas do segundo ano do ensino fundamental, e o nosso olhar está voltado para os professores desses alunos. Desejamos saber como esses profissionais incentivam seus alunos ou se eles incentivam a leitura, também queremos saber se eles vêem este incentivo como algo importante.

Para obter tais respostas fomos até os professores, observamos sua prática e conversamos sobre suas experiências. Neste capítulo falaremos sobre as experiências obtidas durante a nossa estada na escola onde realizamos nosso trabalho de campo. Falaremos sobre o lócus da pesquisa e sobre o questionário respondido pelas professoras.

Para observar mais de perto assistimos durante o segundo semestre letivo, sete dias de aula de uma professora do segundo ano do ensino fundamental. A partir dessas observações iniciamos este capítulo, e no segundo tópico apresentaremos as respostas dadas pelas professoras fazendo um paralelo com o que observamos durante toda a nossa trajetória de pesquisa.

3.1- Experiências da sala

Eu fui a campo para, de perto, observar como uma professora trabalha a leitura com os seus alunos. Durante alguns dias acompanhei as aulas na turma (de uma professora) do segundo ano do ensino fundamental, em uma escola estadual localizada no município de São Gonçalo.

Meu contato com a escola foi imediato e sem intermediação. A escolha desta instituição se deu por ser uma escola tradicional no município pela qual muitos alunos já passaram. Fui até a coordenadora pedagógica do turno da manhã e pedi uma autorização para fazer a observação. Ela pediu uma cópia do meu projeto e após ler permitiu que realizásse a pesquisa na escola. Escolhi esta escola porque é uma escola de tradição do nosso município e já está em funcionamento há muitos anos. A escolha da turma foi feita pela coordenadora pedagógica que indicou esta turma depois que conversamos sobre o projeto de pesquisa voltado para o segundo ano do ensino fundamental.

Durante este caminho, no acompanhamento da turma na escola, encontrei alguns obstáculos, como feriados e reuniões que acabaram por determinar a quantidade de observações na escola que considereei muito significativas. Apresento agora o caminho construído na pesquisa no registro deste “Diário de Campo” com as observações e reflexões feitas na sala de aula.

1º Dia: 20 de setembro de 2010

Hoje é o meu primeiro dia de observação na escola. Devo admitir que estava um pouco temerosa quanto à professora da classe na qual farei a observação, pois vou conviver durante algum tempo e para mim é muito importante que tenhamos um bom entrosamento.

A coordenadora me encaminhou para a turma da professora Y, mas as segundas, dia escolhido para as visitas, esta turma participa das aulas de_estágio³, e assim não foi possível. Mesmo assim a professora conversou comigo e me contou que

³ Esta escola oferece ensino médio em formação de professores e neste dia a turma fica sobe os cuidados da professora de estágio e de seus alunos.

gosta muito de trabalhar a leitura com seus alunos, mostrou alguns de seus livros, parte deles são de seu acervo pessoal.

Ela empresta os livros para os alunos levarem para casa, ler e depois sorteia quem vai ler o livro para a turma. Também trabalha a leitura de mundo levando seus alunos para o cinema, teatro e museus. Na sala havia além dos livros, todos de acordo com a faixa etária e com o nível de conhecimento prévio corretos para os seus alunos, gibis que são muito bem recebidos pelos alunos.

Após a nossa conversa a professora Y me encaminhou para a sala da professora C para quem apresentei a proposta da pesquisa e fui apresentada a turma pela professora. *“O desafio foi lançado e embarcamos na produção da cartografia⁴, com tudo que ela nos afeta e exige de nós,* (DIAS, 2009, p.2), comecei a “viagem” e sei que mesmo que fique sentada e não faça nenhum ruído a aula de hoje e todas as outras que eu venha observar não serão mais as mesmas, pois estou interferindo nesse ambiente apesar de não ser a minha intenção.

Durante a aula a professora conversou comigo e relatou que costuma trabalhar com pequenos textos. Os alunos, um de cada vez, vão até a frente e escolhem o texto para ler para a turma. A aula é pequena, pois neste dia acontece a reunião pedagógica e por esse motivo os alunos são liberados mais cedo, apesar do pouco tempo o meu primeiro contato com a professora e com a turma foi muito bom e fiquei feliz pela recepção das professoras Y e C.

A turma é composta por 29 alunos e a maioria foi aluno da professora C no primeiro ano do ensino fundamental. É possível perceber um bom relacionamento entre professora e alunos, na classe existem alunos com necessidades especiais.

2º Dia: 27 de setembro de 2010

Hoje há poucos alunos e a causa pode ser o tempo chuvoso. Enquanto os alunos vão chegando observo a sala e percebo que há algumas folhas xerocadas ou retiradas de livros, coladas nas paredes. Algumas têm mini – textos que não fazem o

⁴ Para Dias (2009) a produção cartográfica se refere a composição de um Diário de Campo, através do qual podemos “evidenciar as experiências”(p.1), nesta monografia referido-se às experiências obtidas durante nosso trabalho de campo.

menor sentido e só servem para treinar a leitura. Todas as folhas são no estilo de cartilhas e apresentam as ‘famílias de palavras’⁵ Neste momento a professora pede que os alunos leiam as palavras apresentadas em algumas dessas folhas. Todas as palavras são relacionadas com as famílias apresentadas em cada folha.

A próxima atividade é o ditado que foi dividido em três partes com dez palavras cada parte: a primeira trabalha com as sílabas as, es, is, os, us; a segunda com as sílabas al, el, il, ol, ul e a terceira trabalha com as sílabas am, em, im, om, um. Ao final de cada etapa os alunos iam até o quadro para escrever uma das palavras ditadas.

Alguns alunos encontram dificuldades para realizar a tarefa, para outros o ditado tem que ser diferente, pois não estão no mesmo nível que os demais, porém a professora administra muito bem cada necessidade.

A professora C hoje trabalhou a leitura voltada para o letramento, apontando mais os aspectos gramaticais. Esta proposta não contempla a dimensão da leitura prazerosa que estou pesquisando, mas é a prática leitura que muitas vezes encontramos nas escolas. Este trabalho realizado pela professora é muito utilizado nas séries iniciais.

3º Dia: 18 de outubro de 2010

Hoje a aula começou com a correção do exercício de casa (livro de português), a professora pede para um aluno ler o texto do livro que fala sobre gatos siameses. O texto é curto e tem apenas dois parágrafos. A leitura foi feita várias vezes para que todos da classe participassem e depois a turma respondeu um questionário voltado para o exercício gramatical referente ao texto.

A tarefa seguinte era ler um texto em quadrinhos, mas não havia palavras nele e então a professora explica para a turma que às vezes as histórias não precisam de palavras para serem compreendidas, que através das figuras podemos ler a história. Das três aulas que observei anteriormente, essa foi a primeira vez que percebi uma atividade de incentivo nesta classe. Acredito ser importante mostrar para as crianças que

⁵ Esta expressão “famílias de palavras” é usada na escola para se referir ao uso do abecedário de acordo com as sílabas, por exemplo: *BA; be; bi; bobu*, e assim sucessivamente.

as histórias podem ser compostas apenas por ilustrações, como os quadros, e desta forma estabelecerem comunicação com aquele que lê ou observa.

Tomei a iniciativa de perguntá-la se eu poderí levar um texto para ler para os seus alunos, ela concordou com a atividade e pareceu entusiasmada. Gostaria de ver como a professora e os alunos reagem a uma atividade de leitura, onde fosse utilizado outro texto que não o do livro.

4º Dia: 08 de novembro de 2010

Por causa dos feriados, pontos facultativos e conselhos de classe faz quase um mês que não participo das aulas da professora C. Hoje ela precisa resolver alguns pontos com a coordenadora pedagógica. Ela esperava que eu contasse a história hoje para preencher o tempo, porém eu ainda não tinha o livro para ler e por isso não foi possível.

Como eu não iria contar a história ela mandou os alunos pintarem os desenhos das provas do terceiro bimestre. As provas são só para constar porque a escola trabalha com o sistema de ciclos e eles não são retidos nesta série. Após a leitura teriam o momento de desenho livre.

A professora pediu que eu ficasse com a turma enquanto ela conversava com a coordenadora pedagógica. Ao receber as provas coloridas pelos alunos, posso observar os textos que foram utilizados na prova de português: “Jogo de bola” e “O curupira”. Ambos eram curtos e básicos como os utilizados na maioria das aulas e provas de português, textos que são base para uma interpretação superficial dos mesmos.

Nos textos utilizados nas aulas e na prova aplicada pela professora C, a atividade de leitura estava sempre ligada aos exercícios gramaticais e de interpretação textual. Parece que na escola só se lê para fazer algum tipo de exercício gramatical, neste contexto *“a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática e outras tarefas do ensino da língua.”* (KLEIMAN, 1995, p.30)

Mais uma vez a professora me perguntou sobre a história que eu iria contar e qual atividade eu faria após. Pareceu-me que contar uma história não valeria de nada se ao final eu não fizesse alguma atividade. Expliquei que a minha intenção era apenas contar uma história e que durante a leitura os alunos iriam, da maneira deles, interagir com o texto. Não sei se fui compreendida.

5º Dia: 22 de novembro de 2010

Como ficou combinado na outra aula eu levei o livro para ler para a turma, título: *POR QUÊ*, escrito por Nikolai Popov:

“Tudo começa por nada: de todas as flores que havia no campo, o Ratinho vai escolher justamente a que é da Rã. O Ratinho toma a flor da mão de sua dona. A Rã chama seus amigos para uma desforra, mas o Ratinho não cede: é o ataque, é a guerra.” (2001)

Utilizando uma fala adequada para o público infantil o autor aborda temas como a falta de intolerância e a violência, que aflige e preocupa a todos nos dias de hoje, nos leva a refletir e perguntar “*POR QUÊ?*”

A turma fica atenta a história e interagem bastante enquanto conto, no final há uma conversa e eles apontaram o que acharam da história. Afirmam que gostaram mais não entenderam porque a briga começou se não havia motivo para tal. Disseram que o ratinho era “encrenqueiro”, só queria arrumar briga, que no final ficou tudo feio e o jardim parecia um cemitério.

Refletiram sobre as situações parecidas que acontecem com eles no cotidiano escolar, familiar e nas relações com os amigos, alguns relataram suas experiências. Depois seguindo o conselho da professora pedi que eles desenhassem outro final para a história, como eles pensavam que a história deveria terminar já que eles acharam o final original muito feio.

“A ação do leitor já foi caracterizada: o leitor constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto; ele procura pistas formais,

antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões.” (KLEIMAN, 1995, p.65)

A princípio eu não queria realizar a atividade porque a proposta era ler a história e, diferente do que costuma acontecer nas escolas, não cobrar nada pois era uma atividade de incentivo à leitura por prazer, sem cobranças e sem avaliações pós leitura. Após ver a atitude dos alunos enquanto faziam a atividade, ver os registros delas e como pensaram um novo final para o livro fiquei satisfeita.

A experiência me fez repensar sobre o meu olhar quanto à realização de atividade dirigida após a leitura. Será mesmo que esta relação entre leitura e atividade dirigida é sempre não prazerosa? Esta reflexão acontece na minha observação frente à reação dos alunos, uma vez que, eles pareceram muito à vontade durante a conversa e depois fazendo os desenhos. Analisando a situação acredito que apesar do livro contar a história sobre animais, o tema tratado se aproxima da realidade dos alunos e por isso houve uma identificação por parte deles o que ajudou na hora da conversa pois todos tinham algo para dizer e alguma experiência para contar.

Como eles acharam que o final deveria ser outro a atividade do desenho acabou sendo a reflexão ‘registrada’ sobre o fim desejado, assim as duas atividades não foram atividades rotineiras de interpretação textual ou exercícios gramaticais, foram atividades que demonstraram a interação e a apropriação que os alunos construíram. Nas palavras de Chartier (2005) *“A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados.”* (p.77)

No final da aula eu propus à professora C. que, no nosso próximo encontro, ela fizesse outra leitura para os alunos. Ela aceitou a proposta e pediu para que eu escolhesse o livro e levasse para ela.

6º Dia: 29 de novembro de 2010

Aconteceu um imprevisto e a professora não contou a história, então ficou combinado que ela vai ler na próxima semana. A primeira atividade da aula foi a

correção do exercício de casa, a professora trabalhou com uma história em quadrinhos sobre três meninos que jogam bola, os alunos deveriam criar um final para os quadrinhos e esse final deveria ser desenhado assim como a história. Pareceu que algumas crianças não compreenderam a atividade pois algumas escreveram um final ao invés de desenhar, e uma aluna escreveu um título para a história.

Até aquele momento eu não havia reparado na sala nenhum material de leitura além dos livros didáticos, no entanto neste dia vi vários livros que ficam guardados em uma estante da sala. A professora me contou que já leu todos para os seus alunos. Na hora eu me perguntei por que ela nunca leu um deles nos dias que eu estava presente, pensei que podia ser pela falta de tempo pois neste dia os alunos saem mais cedo e por isso ela tem menos tempo para fazer tudo que precisa, mas nas aulas anteriores nas quais eu estava presente ela só trabalhou ditados e eu sempre achei que era para aproveitar o pouco tempo.

A professora C. é uma ótima profissional mas tem essa dificuldade de fazer o incentivo a leitura, de trabalhar essa parte quando há todo o conteúdo para trabalhar e alunos com dificuldades e necessidades diferentes para atender.

A atividade daquele dia consistiu em completar um texto com as palavras que estavam fora do texto. Depois foi realizado um ditado coletivo no qual a professora ditava as palavras e os alunos iam soletrando as letras que eram escritas no quadro pela professora. Eu fui solicitada a ajudar: enquanto ela trabalhava com a turma eu fiz um ditado para um menino que tem dificuldades de aprendizagem e ainda está na fase do letramento. Depois também fiz a correção do ditado, para a toda turma, no quadro.

Mais uma vez o texto foi pretexto para a realização de atividades gramaticais, ele é constantemente usado como uma ponte para a aprendizagem da língua portuguesa como se esse fosse o seu objetivo e não houvesse outro fim. Durante essas aulas a leitura prazerosa parece algo muito distante ou até inexistente. Acredito que esta situação aconteça porque é o jeito de trabalhar que o professor conhece e quantos professores acabam repetindo o trabalho mecanicamente sem se dar conta?

“... vale apenas ressaltar que, em situações escolares, o texto costuma virar pretexto, ser intermediário de aprendizagens outras que não ele mesmo.”(LAJOLO, 1991, p.53)

O professor é um profissional que carrega uma grande responsabilidade, esta sempre com muitos afazeres e tem vários conteúdos para serem dados em um curto espaço de tempo e esse cotidiano corrido, às vezes, não deixa espaço para muitas outras coisas. O professor do segundo ano de Ensino Fundamental além de trabalhar o conteúdo da série ainda precisa reforçar a leitura e a escrita com seus alunos e isso muitas vezes faz com que eles foquem apenas os aspectos lingüísticos da leitura.

7º Dia: 06 de dezembro de 2010

Ao chegar à sala fui surpreendida pela festa de encerramento, então descobrir que hoje seria meu último dia com a professora e os alunos porque os alunos que fizeram boas provas seriam dispensados e os outros iriam à escola somente para corrigir os erros que havia nas provas. Apesar de a escola trabalhar com o sistema de ciclos, e os alunos não serem retidos nesta série, a professora decidiu fazer essa recuperação com os alunos que encontraram alguma dificuldade durante a realização das provas.

A professora foi muito gentil e mesmo com a festa li o livro: "*Eu morro de medo de bicho*", escrito por Babette Cole (2000) que conta a história de Chico, um menino que tinha medo de vários bichos, e com sua imaginação fértil sempre se vê sendo atacado por um animal. Às vezes os animais parecem ter mais medo de Chico do que o menino tem deles, mas no final ele descobre um jeito divertido de afastar o perigo. Fui convidada a participar da festa e os alunos me receberam muito bem. Neste período em que realizei o trabalho de campo nesta turma, os alunos já me conheciam e me chamavam de tia Tatiana da UERJ.

Apesar das aulas já terem acabado, pelo menos para a maioria deles, e ser um dia de festa a turma parou para ouvir a história. A professora não utilizou nenhum exercício depois da leitura, ela apenas conversou um pouco com os alunos mas foi tudo bem rápido já que havia a festa e eles saem mais cedo neste dia. A leitura foi feita como uma forma de cooperação, uma vez que ela já havia se comprometido a ler e não havia planejado nenhuma outra atividade para o dia além da festa.

No final da aula a professora recebeu os pais e responsáveis de seus alunos e, um por um, conversou sobre os alunos, sobre suas dificuldades e os desafios que encontrariam no próximo ano. Ela foi professora da maioria dos alunos durante o segundo e terceiro períodos e no primeiro ano do ensino fundamental, por isso é conhecida pelos pais e mantém um bom relacionamento com os mesmo além de conhecer bem os alunos

A professora C sempre me pareceu muito preocupada com seus alunos, até com os aspectos da vida familiar, também se mostrava incomodada pelo modo que o sistema escolar muitas vezes, como na sala dela, coloca um aluno com necessidades especiais na escola propondo uma prática inclusiva mas que não prepara os professores para receber esses alunos e nem os espaços de infra estrutura da escola e da sala específicas ou de recursos.

No período em que estive na escola a professora C contou que fez o Curso Normal e que sua formação acadêmica foi em outra área da educação que não a Pedagogia – sua graduação foi em educação Física. Descobri que ela é uma professora – leitora e apesar disso não vi muitos momentos na perspectiva do incentivo a leitura em sua aula. Ela também relatou que sempre foi incentivada a ler pelo seu pai e que, em sua casa, incentiva seus filhos também.

Quando conversamos sobre seus alunos ela falou, um pouco constrangida, que havia um aluno que tinha a carteirinha da biblioteca e ela nem sabia, também falou que este aluno incentivava os colegas de classe a irem à biblioteca. Ela admitiu que tinha vontade de levar seus alunos até a biblioteca, mas não sobrava tempo.

Na escola há uma biblioteca que conta com um bom acervo. Neste espaço o aluno pode tanto pesquisar quanto ler pois há um espaço reservado para a leitura, e a bibliotecária promove projetos para incentivar a leitura nos alunos da escola.

Despedi-me dos alunos, da professora e aproveitei para agradecer a sua colaboração e boa vontade, já que de bom grado ela abriu as portas de sua sala e permitiu que eu participasse de suas aulas sendo sempre educada e prestativa comigo. Ela me entregou o questionário que utilizamos na pesquisa e é sobre esse questionário e as professoras que o responderam que falaremos a seguir.

3.2 - Experiências registradas

Quando começamos a nossa pesquisa tínhamos a intenção de entrevistar as professoras participantes, porém quando fomos procurar essas professoras percebemos que uma entrevista não seria possível. Todas preferiram responder um questionário, umas porque não se sentiriam a vontade em uma entrevista e outras porque não teriam tempo e o questionário seria mais prático e mais adequado para atender aos objetivos desta pesquisa. Das sete professoras que fizemos contato, cinco responderam o questionário.

Na busca pelos sujeitos da pesquisa duas situações foram de recusa em participar. Abordamos uma professora, que também trabalha na escola onde aconteceu o trabalho de campo que não quis responder ao questionário. Como justificativa para esta recusa a professora informou que estava montando um livro com seus alunos e por isso não teria tempo, não quis nem olhar o questionário. Outra professora desta escola se mostrou pouco satisfeita em participar mas mesmo assim aceitou ficar com o questionário, porém não devolveu.

No questionário haviam nove perguntas divididas em duas partes, a primeira tratava de informações sobre as professoras: História de vida / memórias e registros da aprendizagem em leitura, e o segundo tratava das suas práticas.

Através dos questionários percebemos que durante o período escolar e na formação nenhuma dessas professoras recebeu incentivo para a prática da leitura prazerosa, nem por parte de seus professores ou da própria escola. A maioria respondeu que durante sua vida escolar e na formação não receberam o incentivo ou não lembram.

“Na escola eu não lembro e na formação eu não tive.” (Prof.^a C, docente em uma escola estadual)

“Não lembro. Não lembro” (Prof.^a B docente uma escola particular)

“Através de livros extraclasse” (Prof. A, docente da rede Estadual)

A questão número dois que perguntava de que forma as práticas de seus professores as estimulou a ler por conta própria foi respondida por três delas e as respostas mostram que seus professores nunca foram exemplos quando o assunto era incentivo a leitura. Uma delas, como já foi dito neste trabalho, relatou que o incentivo veio através de um tio que era professor e possuía muitos livros em casa.

“Através da teoria imposta” (Prof.^a E, docente em uma escola particular)

“De nenhuma forma. Eu mesma sempre gostei de ler” (Prof. A, docente na rede Estadual)

Apesar de demonstrarem em suas respostas não terem recebido incentivos por parte de seus professores, percebemos que todas elas se tornaram professoras – leitoras pois todas responderam que naquele momento liam algum livro e declararam não ter preferência por um único tipo de leitura.

“O Caçador de Pipas. Não tenho preferência.” (Prof. A, docente na rede Estadual)

“Ágape. Gosto de leituras diversas.” (Prof.^a B docente em uma escola particular)

“Pais Brilhantes, Professores Fascinantes. Não tenho preferência”. (Prof.^a C, docente na rede Estadual)

“Em seus passos o que faria Jesus? Jornais e livros”. (Prof.^a D, docente na rede municipal)

“Ágape. Gosto de tudo um pouco.” (Prof.^a E, docente em uma escola particular)

Todas demonstraram gostar de ler e não ter preferência de tipos de leitura, ou seja, lêem tudo que lhes agrada, mas será que basta ser um professor – leitor para ser um professor que incentiva seus alunos a ler?

Será que as professoras levam para a sala esse prazer da leitura ou será que a rotina e os conteúdos acabam sobrepondo a necessidade de passar adiante uma experiência que para elas parece ser significativo? Analisando as respostas da segunda parte do questionário, que como falamos anteriormente trata da prática dessas

professoras, ou seja, da vida profissional delas trazemos contribuições para este trabalho.

Todas elas afirmaram usar mais de um material como forma de incentivo e suas práticas, em alguns momentos, ainda esbarram nas práticas tradicionais. Os materiais utilizados são diversos vão de jornais a quebra – cabeças.

“Figuras para produção de texto. Livros, tintas, pápeis para trabalhos realizados após as leituras.” (Prof.^a E, docente em uma escola particular)

“De diversas formas, como texto, livro extraclasse, leitura de jornal e revistas e também: músicas, filmes e etc.” (Prof.^a B, docente em uma escola particular)

“Contação de história, às vezes teatro e mímica, desenho dos personagens e encenação. O plano não é fechado.” (Prof.^a C, docente na rede Estadual)

Todas afirmaram que a escola onde trabalham permite que elas utilizem outros materiais além dos da escola, esses materiais pode ser feito por elas ou não, e também permitem que trabalhem outros livros que não foram pedidos no planejamento da escola. As respostas foram positivas e demonstraram que essas escolas são espaços que ouvem os seus profissionais e dão oportunidade para eles enriquecer o trabalho com os seus alunos. A direção escolar não deve apenas cobrar resultados, mas ambos devem caminhar juntos para o progresso dos alunos.

“Sim, a escola me dá liberdade de trabalhar com outros livros.”(Prof.^a A, docente da rede Estadual.)

“Sim, porque a escola conhece o meu trabalho, o que facilita o meu planejamento que vai de encontro às necessidades dos alunos.”(Prof.^a D, docente na rede municipal)

A forma como a leitura é trabalhada mostra que as professoras estão se afastando das práticas tradicionalistas e fechadas, e isso pode ser percebido na forma como avaliam o interesse de seus alunos pela leitura.

“Após lerem eles ilustram e criam uma nova história, a partir daquela.” (Prof.^a E, docente em uma escola particular)

Os professores são personagens muito importantes na história de leitura dos seus alunos, mas eles não são os únicos pois dessa história devem participar a escola, a sociedade, o ministério da educação e a família. A responsabilidade não deve ser jogada apenas nos ombros de um único personagem pelo contrario se cada um fizer sua parte nossas crianças poderão, de forma consciente, escolher se querem ou não ser um leitor e não serão influenciados apenas por exercícios que recortam o texto e não retiram dele o que ele tem de melhor que é o próprio texto.

Por essa razão perguntamos as professoras se elas trabalham os textos como tarefa de casa, a intenção era saber se os pais participam desse tipo de tarefa.

“Sim, através do projeto de leitura, onde eles lêem os livros e depois realizam atividades propostas por mim com base na leitura e no final de cada semana, as crianças trocam os livros e realizam as atividades propostas no livro do amigo.” (Prof.^a E, docente em uma escola particular)

“Não. Os alunos levam os livros para casa, mas não são cobrados como tarefa de casa.” (Prof.^a D, docente na rede municipal)

“Peço que leiam e conversem com os pais, e que os pais leiam com os filhos. Assim os alunos aprenderão a sintetizar.” (Prof.^a C, docente na rede Estadual)

“Depende se o livro for pequeno trabalhamos na sala de aula. O livro maior passo para casa.” (Prof. A, docente na rede Estadual)

Através da nossa pesquisa conhecemos um pouco da prática dessas professoras e percebemos que em alguns casos o que falta não é a vontade de incentivar mas sim o saber fazer. As professoras desejam incentivar os seus alunos mas, em alguns casos, não sabem como e talvez um dos motivos para que isso ocorra seja porque durante a sua trajetória escolar e na sua formação profissional elas não foram incentivadas.

“... o material de leitura disponível e a freqüência de leitura de histórias, mediada por um adulto na infância, influenciam o desenvolvimento do sujeito como leitor, oferecendo um campo propício para investigar-se até que ponto esta história tece a história que hoje escreve na sala de aula com os alunos” (RANGEL, 2005.p.106)

Costumamos reproduzir atitudes e seguir exemplos, mas quando não há atitudes e exemplos a serem seguidos, precisamos descobrir sozinhos a maneira para atingir objetivos. Não é fácil e requer tempo, esforço e dedicação mas o resultado traz uma boa recompensa, os alunos se tornam leitores que são capazes de fazer uma leitura livre, crítica e não superficial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura está presente em nossas vidas. Lemos as palavras e o mundo a nossa volta, e assim nos apropriamos de ambos. Na escola ela nos é apresentada já nas primeiras séries e a aquisição desse conhecimento muitas vezes contribui para a qualidade da aprendizagem e em alguns casos para a indicação de ser bom ou mau aluno. Sua prática tem sido investigada por muitos autores e também por nosso trabalho.

Em nosso trabalho de campo as professoras do segundo ano do Ensino Fundamental entendem que é importante incentivar a leitura prazerosa, suas atividades demonstram isso. Estas atividades são, em sua maioria, estimulantes mas em outras situações, para atender as demandas do sistema educacional, em alguns momentos ainda seguem o modelo fechado e mecanizado da aprendizagem da leitura

A compreensão da importância da formação do aluno leitor é o primeiro passo para atingir esse objetivo, mas não é o suficiente. O profissional da educação precisa estar preparado para realizar as práticas de incentivo a leitura que podem ter acontecido tanto nas suas experiências escolares anteriores como nas experiências adquiridas ao longo da sua formação inicial e continuadas. Uma boa formação docente é o melhor caminho para que os professores sintam-se preparados e se apropriem desses conceitos e propostas voltadas para as leituras.

Reafirmando o posicionamento dos autores pesquisados, o incentivo a leitura deve começar nas primeiras séries e continuar na formação docente. Assim entende-se que sujeito-leitor e professor-leitor terão a oportunidade de conhecer a leitura que não cobra respostas e interpretações direcionadas. Por este viés acredita-se que a escolha pela leitura se faz de maneira pessoal.

Entendemos que no currículo escolar a leitura por prazer e o letramento devem significar uma aprendizagem articulada em comum, pois enquanto lê o aluno está se apropriando do conhecimento e interagindo com o texto. A leitura não é um elemento que vem de fora da escola, ela está entrelaçada ao conteúdo e assim como o seu

incentivo a aprendizagem pode ser prazerosa e as atividades que acontecem durante a aula também.

Em nossa monografia destacamos as práticas de incentivo à leitura prazerosa. Essa prática pode acontecer em qualquer proposta na sala de aula, não somente em um momento “especial” quando para tudo e acontece a situação de incentivo. Algumas escolas trabalham com a interdisciplinaridade tendo como referencia a leitura. Ela pode ser utilizada, por exemplo, nas aulas de história através de uma literatura que aborde o assunto estudado ou ainda nas disciplinas de geografia, matemática, artes e etc. Ela não deve ficar presa ao espaço da aula de português.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVICH,F. *A volúpia de ler ou ler: um jeito de compreender o mundo*. In: Literatura Infantil: Gostozuras e bobices.São Paulo: Scipione, pp.10-14. 1991.

ANONIMO. *Taxa de analfabetismo cai 1,8% em cinco anos no Brasil, mostra Pnad.G1*,São Paulo,08 de setembro de 2010. Disponível em <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2010/09/taxa-de-analfabetismo-cai-18-em-cinco-anos-no-brasil-mostra-pnad.html>>. Acessado em: janeiro/ 2011.

BERVIAN.P.A.;CERVO, A.L; SILVA.R. *Metodologia científica*. 6ª. ed.São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2007.

BRASIL.Lei n.10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.753.htm.> Disponível em: maio/ 2011.

CAZELLI, S. *O que precisa ter um futuro professor em seu curso de formação para vir a ser um profissional de educação em museus?* II Encontro Articulando a Universidade com a Escola Básica no Leste Fluminense: ações, reflexões e alternativas futuras. FFP- UERJ. Rio de Janeiro. cd-room. 2009.

CHARTIER,R.A *aventura do livro: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun*. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo:Imprensa Oficial do Estado de São Paulo:Ed.UNESP,1998.1ª “reimpressão”,2009.

COLE, B. *Eu morro de medo de bicho!*.Tradução: Lenice B. da Silva. São Paulo, SP: Ed. Ática. 2000.

CUNHA,M.V.*Psicologia da Educação*.Rio de Janeiro: DP&A,2007.

DIAS, R.O. *Cartografias do estágio supervisionado I*. II Encontro Articulando a Universidade e a Escola Básica no Leste Fluminense: ações, reflexões e alternativas futuras.FFP/UERJ.São Gonçalo.CD/Room. outubro/2008

FRANÇA,S.F.*Uma visão geral sobre a educação brasileira*.-Integração,V.1,2008. Disponível em: <http://www.upis.br/posgraduacao/revista_integracao/educacao_brasileira.pdf.> Acessado em: janeiro/ 2011.

FREIRE,P.*A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*.45ª.ed.-São Paulo:Cortez. 2003.

_____. *P.Pedagogia do oprimido*,Rio de Janeiro:Paz e Terra. 2005.

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. *Projeto Entorno*. Disponível em: <http://www.fvc.org.br/projetos_FVC/incentivo_leitura/home.htm> . Acessado em: maio/ 2011.

GERALDI, J.W. *A leitura do texto*. In: GERALDI, J.W.(org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO.

Disponível em: < <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/default.asp>>. Acessado em: maio/ 2011.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 4ªed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *O texto não é pretexto*. In ZILBERMAN, R.A.(org) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

MACHADO, A.M. *A leitura deve dar prazer*. Nova Escola. São Paulo: Abril, ano.XVI, n.145, p.21-23, set.2001. Entrevista concedida a Priscila Ramalho, do Rio de Janeiro. 2001.

MARTINS, M.H. *O que é leitura*. Ed. São Paulo: Brasiliense. Coleção primeiros passos: 74. 1994.

MINAYO, M.C.S. *Teoria, método e criatividade*. In MINAYO, M.C.S.(org) *Pesquisa social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOVIMENTO CULTURA BRASIL. *Projeto minha escola lê*. Disponível em: <<http://www.movimentoculturabrasil.com.br/blog/?p=3919>>. Acessado em: maio/ 2011.

NUNES, Clarisse. Memorial apresentado no Concurso para Professor Titulo de Educação, da Faculdade de Educação da UFF, em 1993.

PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA. Disponível em: <<http://www.pnll.gov.br>> Acessado em: maio/ 2011.

POPOV, N. *Por quê?* São Paulo, SP. Ed. Ática. 2001.

RANGEL, J.N.M. *Leitura na escola: espaço para gostar de ler*. Porto Alegre: Mediação. 2005.

RIBEIRO, W.S. *Práticas de leitura no mundo ocidental*-Revista *Ágora* ISSN: 1984-185X V.3, N.3, NOV-2008. Disponível em: <

www.iseseduca.com.br/pdf/pratica%20de%20leitura.pdf> Acessado em: janeiro/ 2011.

SILVA, E.T. *O ato de ler*. fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. - 7ª edição - São PAULO: Cortez, 1996.

ZILBERMAN, R.A. *A leitura no Brasil: sua história e suas instituições*. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/memória/Ensaios/regina.html> Acessado em: junho/ 2010.

_____. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro. Objetiva. 2005.

_____. *A leitura na escola*. In ZILBERMAN, R.A. (org) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1991.

ANEXO A- Questionário utilizado na pesquisa

Dados de referência:

Nome:

Idade:

Formação Profissional:

Escolaridade:

Contato:

- **Do professor(a): História de vida / memórias e registros da aprendizagem em leitura.**

- 1) Na sua época de escola como os professores trabalhavam a leitura em sala de aula? E na sua formação?
- 2) De que modo a prática de leitura proposta pelo seu professor o/a estimulou a ler por conta própria?
- 3) Qual o último livro que você leu?
- 3.1) Você está lendo algum livro nesse momento? Qual?
- 4) Qual tipo de leitura(gênero literário) você prefere? Poesia, versos, romance, jornal, revistas, etc.

- **Prática do professor(a):**

- 5) Como você trabalha a leitura em sua aula?
- 6) Qual material você utiliza nas aulas de leitura?
- 6.1) Qual material é feito por você?
- 6.2) Qual material da escola você utiliza nas atividades de leitura?
- 7) A escola onde você atua permite que você utilize livros ou textos que não foram pedidos no planejamento (curricular) da escola?
- 8) Você solicita que os alunos leiam e trabalhem com livros extra-classe, como tarefa de casa?
- 9) Dê um modo como você avalia o interesse de seus alunos pela leitura.

Obrigada, Tatiana Almeida.



ANEXO B- Termo de autorização
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Formação de Professores
Departamento de Educação

Eu, _____ autorizo
Tatiana Ribeiro Almeida, aluna do 8º período do curso de Pedagogia a utilizar as
informações contidas no questionário respondido por mim, em sua monografia.

Assinatura